ACAFA On-line
Nº 2 (2009)

O CONCELHO DE VILA VELHA DE RÓDÃO NO PERÍODO DE 1910 A 1920 (SAÚDE, DEMOGRAFIA, ECONOMIA, EDUCAÇÃO E CONFLITOS POLÍTICO-MILITARES)[1]

The Municipality of Vila Velha de Ródão in the period of 1910 – 1920 (Health, Demography, Economy, Education and Political-Military Conflicts)

Nuno Pires Fernandes[2]

Palavras-chave: Influenza, Gripe Pneumónica, Corpo Expedicionário Português, Regimento de Infantaria 22, Vila Velha de Ródão

Key words: Influenza, Influenza Pneumonia, Portuguese Expedicionary Corps, Infantry Regiment 22, Vila Velha de Ródão

---

[1] A fotografia da capa representa o soldado José Dias Ribeiro.
[2] Licenciado em Ciências Sociais.

Resumo

No concelho de Vila Velha de Ródão, as freguesias do Fratel e Sarnadas são as flageladas pelo fenómeno gripal amplamente conhecido por «pneumónica» ocorrido no ano de 1918, com dois períodos de incidência, o primeiro praticamente benigno, enquanto o segundo de grau maligno.

Esta pandemia ocorre no momento em que o mundo estava perante um conflito bélico extensível a várias nações e continentes (1.ª Guerra Mundial), o qual trouxe consequências gravosas, entre outros, ao nível económico e alimentar.

Por sua vez, Portugal estava a viver a infância da República, período de rejeição e afirmação, enfim tempos conturbados. Éramos e somos um país altamente dependente do exterior, sendo que as agitações referidas necessariamente vieram-se reflectir no custo de vida ou seja na questão das subsistências.

Em termos educacionais, estávamos a dar os primeiros passos para a alfabetização generalizada, a qual, não obstante o esforço, só virá a ser atingida em tempos recentes.

Para agravar a situação, o país vê-se privado de numerosos jovens empenhados no conflito levado a cabo no centro da Europa e nas colónias africanas.

A gripe pneumónica não pode ser observada como um acontecimento isolado, sendo que estavam reunidos, a nível geral, vários ingredientes, por sinal explosivos, para que tal pandemia viesse a ocorrer.

Tal como o restante país, o concelho de Vila Velha vive com intensidade e sofrimento todo esse período.

Abstract[3]

In the district of Castelo Branco, the parishes of Fratel and Sarnadas were plagued by the flu phenomenon, widely known as "pneumonia", which occurred in 1918, with two periods of incidence, the first one almost benign and the second one malignant.

This pandemic occurred while the world was facing an armed conflict (World War I), which involved many nations and continents, and brought serious economic and subsistence consequences, among others.

In turn, the Portuguese Republic was only beginning. It was a period of rejection and affirmation, in short, troubled times. We were and we still are a country highly dependent on other foreign countries, and thus the problems previously referred to necessarily had an impact on the cost of living, on people's subsistence.

[3] Tradução de Ana Sofia Pereira.

In what concerns education, we were taking the first steps towards a widespread literacy, which, despite the effort, was only achieved in recent times.

To make matters worse, the country was deprived of many young people who were taking part in the conflicts occurring in the center of Europe and in the African colonies.

This pandemic cannot be seen as an isolated event, because, at a general level, several explosive conditions had already been created and these enabled its appearance.

Like the rest of the country, the municipality of Vila Velha lived throughout this period with intensity and suffering.

Introdução

Inicialmente, visava uma abordagem única e exclusivamente sobre a questão da *Gripe Pneumónica* e sua incidência no concelho de Vila Velha de Ródão, mas na posse de outros elementos, indissociáveis, não se poderia deixar de estender o objecto de estudo, e desse modo dar uma perspectiva global do nosso concelho.

Com a chegada do *general inverno* somos, muitas vezes, confrontados com o fenómeno da gripe que não conhece idade, raça, credo ou estatuto sócio-profissional.

Insistentemente, as autoridades de saúde alertam para os cuidados defensivos ou ofensivos que se devem adoptar, tudo com o fito de debelar atroz patologia.

Segundo o dicionário de Houaiss, *gripe* significa: "*enfermidade infecciosa, viral, contagiosa, e muitas vezes epidémica, que se caracteriza por um estado de abatimento geral e presença de sintomas variados, como febre, congestionamento das vias respiratórias, dores de cabeça e de garganta. Etimologia – fr. Grippe (1689) "desejo súbito", ligado ao v. fr. Gripper "agarrar", deu nome à epidemia de 1743; para Corominas o fr. Grippe viria do suíço-alemão grupi (1510), der do v. grupe(n) abaixar-se, tremer de frio, achar-se doente; o fr. Grippe internacionaliza-se como vocábulo médico e comum a partir da epidemia de 1743, iniciada na Itália, com o nome it. Influenza (1503), do lat. Medv. Influentia "acto ou efeito de influir*", p. ext. "*erupção, visita de uma doença epidémica 2, o voc. italiano passa às demais línguas no século XVIII."*

As primeiras referências aos sintomas gripais são atribuídas a Hipócrates no Livro IV das Epidemias onde descreve um surto de infecção catarral ocorrido no Norte da Grécia no ido ano de 412 a.C., porém não ressaltam dúvidas que a tipificação científica da doença, em termos clínicos e epidemiológicos, coube a SYDENHAM (1624-89).

De frequência atípica, de modo e lugar, a gripe acomete em especial o mundo ocidental, e revela-se um dos maiores flagelos da evolução humana, dizimando bem mais do que qualquer conflito bélico, havendo quem a classifique de expurga natural.

Por regra é epidémica, mas de tempos em tempos assume temerosas proporções, ou seja, de carácter pandémico, e com isso afecta o natural desenvolvimento populacional, social e económico de determinada comunidade.

Assim aconteceu no ano de 1918, no que viria a ficar conhecida, entre outras, por *Gripe Pneumónica*, classificação atribuível ao médico Ricardo Jorge.

No caso português, ainda digladiávamos, a par de outras nações, na denominada Primeira Guerra Mundial quando fomos assolados por uma pandemia gripal, supondo-se com origem em Espanha, tendo entrado pelas zonas raianas de Beja, Évora, Guarda e Portalegre.

Os autores não são consentâneos quanto à génese mundial desta enfermidade, havendo quem a situe no Estado de Arkansas - Estados Unidos da América, enquanto outros remetem para o Oriente (China). Aventam-se duas hipóteses quanto à sua chegada a terras europeias, uma pelas tropas americanas que desembarcaram em Brest, enquanto outros apontam para um grupo de auxiliares chineses contratados pelas tropas francesas.

De elevada transmissibilidade, com fácil evolução das suas estirpes, só na Europa vitimou para cima de 12 milhões de pessoas, enquanto em termos mundiais assume valores a rondar os 20 milhões.

Os primeiros casos conhecidos em Espanha ocorreram por ocasião das festas em honra de S. Isidro, em Maio de 1918, suspeitando-se que trabalhadores (agrícolas) portugueses, no regresso, pudessem ser portadores de tal patologia, que depressa se difundiu. Daí que viesse a ser apelidada por *Gripe Espanhola*, e logo relembrado o provérbio "*de Espanha nem bons ventos nem bons casamentos*".

Segundo diversos estudiosos desta matéria, ocorreram duas vagas em território nacional, a primeira entre Maio e Julho de 1918, de índole verno-estival, e sem grande mortandade. A segunda vaga caracteriza-se pelo seu grau maligno e, ao invés da primeira vaga, é geradora de elevada mortandade, pandémica, grassou entre Agosto e Novembro desse mesmo ano.

A *Pneumónica* incide primeiramente pelos grandes e médios aglomerados populacionais, e só depois se difunde pelos meios rurais, e nestes com fraca incidência nos locais mais recônditos, conforme adiante se dirá quando se abordar a realidade relativa ao concelho de Vila Velha.

Para melhor se compreender este fenómeno e suas repercussões, torna-se inevitável compreender as duas primeiras décadas do século XX, em todas as suas vertentes, mormente de ordem económica, social, populacional, educacional e política.

1. A questão das subsistências

A guerra instalada gerou fortes perturbações económico-alimentares, levando à subida generalizada dos preços dos bens alimentícios. A saída forçada de inúmeros jovens para o conflito europeu e africano, num esforço inédito para Portugal, acarretou implicações óbvias na estrutura económica nacional, entre elas a escassez de força laboral, e a diminuição da produção (industrial e agrícola), mas principalmente o vazio na estrutura familiar, na medida em que muitos deles são a força motora e seu único sustento.

A escassez de mão-de-obra faz-se sentir com alguma intensidade no concelho de Ródão, obrigando as autoridades a tomarem medidas legislativas de incentivo à mobilidade e liberdade laboral, e disso é elucidativo o edital[4] publicado aos trinta dias do mês de Outubro de 1917, subscrito pelo Administrador do Concelho, António Henriques da Silva, nos seguintes termos: "(…) *faz público que estando próxima a apanha da azeitona, bolota e lande não chegando para esses trabalhos as pessoas das freguesias deste concelho, tornando-se necessário socorrer a pessoas de fora da área do mesmo; será portanto mantida a liberdade de trabalho a todos quanto desejem e punidos nos termos da lei todo o cidadão que perturbe a ordem pública (…)".*

No dealbar do mês de Janeiro de 1918, o Sr. Euzébio Garcia Belo (abastado proprietário – residente no Gavião de Ródão) aquando da tomada de posse do cargo de presidente da edilidade pediu para que fosse lida a seguinte missiva: "*Fez no dia treze do corrente, isto é à cinco dias, anos que este concelho foi restaurado, tendo depois d´isso tido diversas pessoas à testa da sua administração no município. Não quero agora discutir ou julgar os seus atos. No*

[4] Copiador para Editais (De 17 de Fevereiro de 1917 a 1 de Julho de 1927).

entanto acabam de me dar posse para assim com os meus colegas administrar até às novas eleições. ***É agora um dos peores momentos, desde a sua restauração****, para tal fim, devido à grave crise que atravessamos ocasionada pela grande guerra, crise esta que tem trazido a fome e a miséria à maioria das famílias portuguezas, cuja fome e miséria, quem sabe quantas mortes terá ocasionado. É pois este problema que é o das subsistências que a mim mais cuidados me há-de dar e que heide procurar resolver, não como quero, pois a minha vontade é grande, mas sempre como possa e no mínimo que eu possa...*"

Quadro 1. N.º de jovens que marcharam para a Guerra
(valores aproximados) – por freguesias

Freguesia	Europa	África	Total
Fratel	34	23	**57**
Perais	6	5	**11**
Sarnadas	21	2	**23**
Vila Velha de Ródão	43	7	**50**
Sub-total	**104**	**37**	
Total	**141**		

Este discurso é um inequívoco retrato do estado «*da nação*», reforçado pela demonstração de empenho e dedicação à causa pública, pois e como se diz, para períodos excepcionais impõem-se medidas e homens excepcionais.

Mas, para que isso fosse minimamente concretizável seria necessária estabilidade governativa, ideal para cumprir os objectivos políticos traçados, quando, na verdade nos deparamos com uma constante alternância, e uma certa difusão de poderes, por um lado reunidos na pessoa do presidente, por outro no administrador do concelho.

Para que melhor se entenda, o administrador de um município era o representante do governo nestas circunscrições e era, por isso mesmo, o cargo administrativo de maior proeminência, tanto pelas suas competências administrativas, de natureza policial e fiscalizadora. Como se subtrai, é de nomeação governamental, bem remunerado, e tinha escrivão permanentemente ao seu serviço, sendo uma presença assídua nos paços do concelho. A gestão do município, em termos de contabilidade e de alienação de propriedade do município, estava sob a sua alçada. Quanto ao presidente da câmara, era eleito por um grupo restrito de cidadãos e tinha uma presença irregular na câmara (apenas nos dias semanais das reuniões deliberativas) e não era remunerado.

A 4 de Fevereiro de 1918, o administrador do concelho de Vila Velha de Ródão, Sr. Jaime Miguens d´Oliveira (1.º Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila Velha de Ródão), determina a publicação em edital, das seguintes obrigações: "(….) *em virtude da* ***enorme crise de subsistências que este concelho atravessa****, é expressamente prohibida a saída do mesmo, de todos os géneros alimentícios, em absoluto, excepto o azeite, sem prévia autorização desta administração*".

Ainda nesse dia, delibera a mesma administração, de que deveriam ser fornecidos às classes pobres desta freguesia (Ródão) azeite comestível a um preço máximo de 3 escudos, convidando os grandes produtores a venderem 1% da sua colheita à Comissão de Subsistências pela quantia de 2$90 o decalitro. Persistindo a crise de subsistência, no dia 18 de Março, faz saber que "*fica expressamente proibida a exportação para fora deste concelho de todos os géneros alimentícios e bem assim de gados de qualquer espécie para fora do distrito a não ser de gado que se reconheça absolutamente incapaz para o trabalho*"[5].

A base da agricultura concelhia assentava essencialmente na produção de azeite, auto-suficiente, pelo que não fazia sentido promover restrições; bem pelo contrário deveria ser fomentada a sua comercialização ou troca por outros bens alimentícios. Numa outra missiva dirigida àquele ministério, ao encontro do supracitado, diz-se que "*este concelho nada exporta a não ser azeite, tendo de importar todo o restante necessário para a alimentação pública*".

Também depende em grande escala da actividade piscatória, sendo que a mínima interferência humana poderia originar a escassez aquícola e prejudicar gravemente os interesses económico - alimentares (subsistências) deste concelho, que muito depende do rio. Nesse sentido, no ano de 1911, mês de Julho, eram alertadas as autoridades (Ministério do Fomento), sobre a "*existência de caneiros no rio Tejo, de Santarém, para baixo, que impedem a entrada do sável e lampreia, resultando disso não somente o não chegar às regiões àquem daquele ponto, nenhum ou quase nenhum daqueles peixes, de que dantes eram suficientemente abastecidas, como se prejudica em absoluto a sua propagação, pois é nestas águas que eles vêm desovar".*

As demais produções agrícolas são manifestamente reduzidas ou nula a capacidade para se efectivar uma actividade comercial, mais nos parecendo que se destinem ao consumo local.

No concelho não existem fábricas que moam farinhas de lote para vender (produção industrial). Apenas existe uma fábrica, a qual, bem como os moinhos, moem à maquia o pão que cada particular consome, não havendo por isso lotes. Também não existem padarias para venda ao público, sendo que cada particular coze o seu pão em fornos próprios ou então nos comunitários, e estes últimos polvilham as nossas aldeias. Neles se coze trigo, centeio ou milho de produção local, conforme resposta endereçada pela administração concelhia ao Serviço de Celeiros Municipais do Ministério das Subsistências e Transportes - Lisboa.[6]

Em 14 de Maio de 1919[7], é solicitado pela Repartição de Estatísticas do citado ministério o preenchimento dos mapas de produção agrícola, ao qual responde o Secretário do administrador interino do concelho, José da Cruz Filipe, nos seguintes termos: "*os quesitos preenchidos estão muito longe de corresponder à produção de facto, visto que para o seu preenchimento tive de colher os dados nos mapas de produção do concelho, os quaes estão muito deficientes devido ao retraimento dos lavradores*".

Como é natural, em tempos de crise, há uma retracção generalizada a todos os níveis e, desse modo, temendo os produtores a excessiva interferência por parte da máquina estatal e que isso lhes pudesse acarretar prejuízos, omitem as suas verdadeiras produções e muito provavelmente preferem negociar no *mercado negro* com preços muito mais atractivos.

---

[5] Copiador de Correspondência expedida pela administração do Concelho de Vila Velha de Ródão para as diferentes autoridades, ano de 1919 (registo n.º 307).
[6] Registo n.º 230 e 239.
[7] Registo n.º 145 tudo do mesmo Copiador.

Por isso mesmo, repetidamente, são feitas advertências para comerciantes e produtores manifestarem os produtos alimentares básicos (ex: feijão, açúcar, trigo), cujo incumprimento seria devidamente sancionado, indo de uma mera multa até à perda dos géneros.

Figura 1. Ficha de racionamento

A fome grassa por todo o território e com isso as autoridades são obrigadas a impor restrições legislativas de forma a atenuar esta crise, procurando evitar as especulações e oportunismos, e consequentemente diligenciar por uma repartição equitativa.

Conforme se vislumbra, o concelho de Ródão não é incólume a esta crise e seus habitantes são atirados para o limiar da pobreza e subnutrição. Aliás, a má alimentação das classes menos abonadas revelar-se-á um palco ideal para a propagação de doenças epidémicas uma vez que a resistência física e imunitária das populações não seria a adequada nas vésperas da pneumónica.

As Beiras, no caso particular a região de Ródão, caracterizam-se pelos seus solos montanhosos, íngremes e por isso maninhos, de reduzido ou até sem valor agrícola, os demais de incipiente produtividade; obviamente que isso se repercute na alimentação, por sinal muito deficitária. Também, não ajuda o agoniante e convulsivo estado económico, político e social do início do século XX.

Os dados extraídos dos cadernos militares demonstram-no quando a maioria das inaptidões dos mancebos atravessa transversalmente os diferentes anos, fixando-se na ***falta de robustez***.

Já em 1916 se alertava para as dificuldades vividas pelas famílias. Assim, sob a presidência de João Laia, é sugerido a adopção de medidas de apoio, que passariam pela flexibilização na aplicação e fiscalização das normas reguladoras da actividade piscatória, nos seguintes termos: "*Atendendo a que os gêneros alimentícios, devido ao estado anormal em que se encontra o nosso paíz, provocado pela actual guerra Europeia, escasseiam neste concelho; atendendo ainda que muitos chefes de família residentes neste mesmo concelho tem a profissão de pescadores, sendo na sua maioria extremamente pobres; atendendo finalmente que é o peixe que constitui, para assim dizer,* ***a única alimentação desta gente*** *já pela sua abundância, já pelo preço convidativo porque se vende, proponho para que se oficie ás auctoridades competentes afim de que, enquanto durar este estado de guerra, não se exerça fiscalização na apanha de qualquer peixe, ainda mesmo nos meses da proibição que é de um de março a trinta de junho, exceptuando os meios violentos, como matérias explosivas ou venenosas na respectiva pesca".*

Quadro 2. Causas de isenção dos mancebos inspeccionados entre 1911-1916

PATOLOGIA / MOTIVO ISENÇÃO	1911	1912	1913	1914	1915	1916	Tot.
Cicatriz Viciosa da Pálpebra inferior esquerda	1	-	-	-	-	-	**1**
Falta de Robustez / Robustez	9	21	20	29	12	11	**102**
Varíola (?)	1	-	-	-	-	-	**1**
Cegueira ambos os olhos	1	-	-	-	-	-	**1**
Cegueira Olho Direito/Esquerdo	-	-	1	-	1	-	**2**
Tuberculose / Mesentérica ou Pulmonar Incipiente	1	1	2	-	-	-	**4**
Bócio	2	-	-	-	-	-	**2**
Causa desconhecida	3	5	2	1	4	-	**15**
Deformação Perna direita	1	-	-	-	-	-	**1**
Deformação Joelho e Artelho do Pé	-	1	-	-	-	-	**1**
Deformação Dedos Pé esquerdo	-	-	1	-	-	-	**1**
Deformação Pé Esquerdo	-	-	-	1	-	-	**1**
Gaguez e cicatrizes membros inferiores	1	-	-	-	-	-	**1**
Estrabismo	1	1	-	-	-	-	**2**
Mutilação dedo indicador esquerdo	1	-	-	-	-	-	**1**
Hérnia inguinal esquerda / direita	1	2	1	-	1	-	**5**
Isento (Ausente no Brasil)	2	-	-	-	-	-	**2**
Falta Testículo Esquerdo/Direito	-	1	-	-	-	-	**1**
Varizes membros inferiores	-	2	-	-	-	-	**2**
Cataratas	-	1	-	-	-	-	**1**
Pé(s) Chato(s)	-	1	1	-	-	-	**2**
Gaguez	-	1	-	1	-	-	**2**
Amputação Ante-braço direito	-	1	-	-	-	-	**1**
Escrofulose (forma de Tuberculose)	-	-	1	-	-	-	**1**
Linfatemia	-	-	2	1	-	-	**3**
Gueranite Córnea Olho Direito	-	-	1	-	-	-	**1**
Gibosidade	-	-	1	-	-	-	**1**
Hérnia Linha Branca	-	-	1	-	-	-	**1**
Cicatriz na Vista	-	-	-	1	-	-	**1**
Isento temporariamente	-	-	-	1	-	-	**1**
Ancilose do Cotovelo Esquerdo/Direito	-	-	-	-	1	-	**1**
Atrofia Peitoral e da Vista	-	-	-	-	1	-	**1**
Atrofia degenerativa em hipertrofia do miocárdio	-	-	-	-	1	-	**1**
Inflamação do Testículo	-	-	-	-	1	-	**1**
Cicatriz na Cabeça	-	-	-	-	1	-	**1**
Cicatriz no Braço esquerdo	-	-	-	-	-	1	**1**
Totais	**25**	**38**	**35**	**35**	**24**	**12**	**167**

Decorrente do estado económico vivido, evitando-se entrar num estado calamitoso, procuram as competentes autoridades minimizar os efeitos da crise em vigor, nomeadamente com a imposição de regras gerais e abstractas, coercivas, e com isso disciplinar a actividade comercial, gerar equidade e, acima de tudo, evitar casos dramáticos de miséria. Subjaz do atrás referido que o concelho de Ródão possui parcos recursos, ligados essencialmente ao sector primário cuja actividade tem as sua bases em pouco mais do que duas fontes produtivas: azeite e pesca.

2. População

Seguindo a tendência do resto da nação, o concelho de Vila Velha de Ródão regista um crescimento populacional significativo de 1900 para 1911, não obstante continuar a ter uma das mais baixas densidades populacionais por quilómetro quadrado no distrito.

Segundo os dados de 1900, regista 21,5 habitantes por km^2, só ultrapassado por Idanha-a-Nova (16,0) e Penamacor (20,9). Já em 1911 regista 23,9 habitantes por quilómetro quadrado, voltando a ocupar um dos últimos lugares da tabela, novamente ultrapassado por Idanha-a-Nova com os seus 18,9, mas agora igualado por Penamacor. Os concelhos ribeirinhos ao Tejo, tal como hoje, continuam a sentir graves dificuldades na fixação de pessoas.

Quadro 3. População de facto (Portugal / Distrito de Castelo Branco / Concelho e freguesias de Vila Velha de Ródão) – 1900, 1911 e 1920

Portugal **Distrito Castelo Branco** **Concelho e freguesias de Vila Velha de Ródão**	**População em números absolutos**			**Diferenças totais** **Números absolutos**		**Densidade da população por quilómetro quadrado**	
	1900	**1911**	**1920**	**1911-1900**	**1920-1911**	**1920**	**1911**
Portugal	5 423 132	5 960 056	6 032 991	536 924	+ 72 935	35,8	36,1
Castelo Branco	216 629	241 184	239 167	24 576	- 2 017	35,8	36,1
Vila Velha de Ródão (Concelho)	6 991	7 877	7809	809	- 68	23,9	23,7
Alfrivida (Perais)	559 (1)	1 025 (1)	(a)				
Fratel	2 277	2 400	2 309	123	- 91		
Sarnadas	1 158	1 354	1 401	196	47		
Vila Velha de Ródão (Freguesia)	2 997 (2) **(1+2= 3556)**	3098 (2) **(1+2= 4123)**	4 099 (2)	101	- 24		

(a) à freguesia de Vila V. de Ródão está anexa a freguesia de Alfrívida, que por este motivo constituem duas sedes.

A imediata ilação que podemos tirar da leitura do Quadro 4, que se segue, é que estávamos perante uma população assinalavelmente jovem, ao contrário do que ocorre nos dias de hoje. Obviamente que não se podem comparar as duas realidades, porque de um lado estávamos perante um cenário de crescimento populacional generalizado, enquanto na actualidade nos deparamos com uma estagnação ou até retrocesso, o que, associado ao fenómeno da *litoralização*, deixa todo o interior sem capacidade de mobilização e argumentação, de força empreendedora própria, enfim de desenvolvimento. Mas nem tudo é negativo, pois o que perde

em termos quantitativos ganha em termos qualitativos, sendo plenamente reconhecido ao interior uma capacidade crescente para oferecer uma excelente qualidade de vida, assente em critérios educacionais, culturais, desportivos, habitacionais, (…).

Relativamente à composição dos agregados familiares, predomina a família numerosa (ver Quadro 5).

No início do século houve neste concelho (sede) uma senhora que gerou vinte e nove descendentes, de tal modo que semelhante feito viria a perpassar gerações e ainda hoje os seus descendentes são carinhosamente conhecidos pelo epíteto "vinte e nove". E, a esse propósito quem não conhece o "Ti Eusébio 29, Rui 29, …"?

Quadro 4. População segundo o sexo por grupos de idades (concelho de Vila Velha de Ródão) -1911

IDADES	População em números absolutos			População em Percentagem		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	7877	3975	3902	100,00	100,00	100,00
0-4 Anos	899	431	468	11,41	10,84	12,46
5-9 Anos	889	444	445	11,28	11,17	11,40
10-14 Anos	767	393	374	9,73	9,89	9,58
15-19 Anos	827	404	423	10,50	10,16	10,84
20-24 Anos	706	333	373	8,96	8,38	9,6
25-29 Anos	572	290	282	7,26	7,30	7,22
30 – 34 Anos	490	259	231	6,22	6,52	5,92
35 – 39 Anos	451	231	220	5,72	5,81	5,64
40 – 44 Anos	459	244	215	5,82	6,14	5,51
45 – 49 Anos	331	183	148	4,20	4,60	3,79
50 – 54 Anos	365	200	165	4,63	5,03	4,23
55 – 59 Anos	268	131	137	3,40	3,30	3,36
60 – 64 Anos	322	155	167	4,08	3,90	4,28
65 – 69 Anos	169	90	79	2,14	2,26	2,02
70 – 74 Anos	139	68	71	1,76	1,71	1,82
75 – 79 Anos	64	35	29	0,81	0,88	0,7
80 – 84 Anos	75	31	44	0,95	0,78	1,1
85 – 89 Anos	12	6	6	0,15	0,15	0,015
90 – 94 Anos	6	2	4	0,07	0,005	0,01
95 – 99 Anos	--	--	--			
100 /+ Anos	2	1	1	0,002	0,003	0,002
Idade Desconhecida	64	44	20	0,81		0,5

Quadro 5. Agregados familiares (Vila Velha de Ródão)

	1900	1911	1920	Diferenças 1920-1911
De 1 pessoa		251	202	-49
De 2 pessoas		322	356	34
De 3 pessoas		349	368	19
De 4 pessoas		321	321	-
De 5 pessoas		252	268	16
De 6 pessoas		198	211	13
De 7 pessoas ou mais		243	223	-20

3. Emigração, convulsões políticas e seus intervenientes

Como já se disse, o período de 1911 – 1920 é caracterizado por graves convulsões, entre outras, a emigração (para o Brasil e Estados Unidos da América), os conflitos sociais (greves), políticos (instauração da República e período de contestação), armado (1.ª Guerra Mundial) e saúde (gripe pneumónica). Daí o ténue crescimento populacional nacional, enquanto a nível distrital e concelhio nos deparamos com um saldo negativo.

Compulsados os livros de recrutamento/recenseamento verifica-se alguma tendência de emigração para o continente americano (EUA e Brasil), Europa (França), alguma migração para a grande metrópole (Lisboa) e colónias, mormente Angola e Moçambique, mas de baixa incidência. Uma das excepções, refere-se à classe de 1916, a qual regista um abandono da terra-mãe na ordem dos 35%.

Quadro 6. Exemplificativo de emigrantes por anos/classe de recenseamento

Classe	N.º Recenseados	EUA	BRASIL	FRANÇA	ANGOLA	TOTAL
1921	59	3	1	3	1	8
1920	52	1	1	2	1	5
1908	50	3	-	1	-	4
TOTAL		**7**	**2**	**6**	**2**	**17**

A Classe de Recenseados com maior número de mobilizações para o palco de guerra europeu (França) e africano (Moçambique) foi a do ano de 1916, respeitante aos nascidos em 1895, precisamente com uma taxa de 88%.

Mais tarde, 12 desses indivíduos escolheram outros destinos para trabalhar e residir, conforme sobressai do quadro seguinte, por sinal dos mais instruídos do universo da citada classe.

Ora, esta geração defrontou-se com novas e enriquecedoras experiências, que lhes abriram os horizontes, e dessa forma ousou procurar novos enlaces. Sendo certo que alguns deles, mais tarde, depararam-se com o *chamamento* e acabaram por regressar às origens. No fundo, é este o fado dos (e)migrantes.

Quadro 7. Emigração / Migração - Classe 1916.

Classe	N.º Recenseados	EUA	S. Tomé	Moçambique	Lisboa	Outras localidades
1916	34	3	1	1	5	2

A instauração da República foi vivida com intensidade por um nosso conterrâneo, parte activa nos combates da Rotunda (Marquês de Pombal - Lisboa), e por isso viria a ser promovido numa primeira fase a Sargento (2.º Sargento), e posteriormente a Oficial (Alferes): Francisco Mendes Ramalhete.

Por sua vez, na sede de concelho, aquando destes acontecimentos, os fervorosos adeptos do regime republicano trataram de apear o Pelourinho, suposto símbolo monárquico.

Figura 2. Francisco Mendes Ramalhete, Praça, Sargento e Oficial, respectivamente

Também destacaria a acção do Capitão Fillipe Pereira Marcelly, filho adoptivo de Ródão (aqui casou e viveu na designada Casa Marcelly – actuais Serviços Técnicos da Câmara Municipal), que por ocasião da Implantação da República viu louvada a sua conduta, cfr. se extrai do seu processo individual, porque "*fazendo parte do pelotão de policiamento da cidade, organizado por um oficial da Armada por ocasião dos últimos acontecimentos (5 de Outubro), deu evidente prova de civismo, zelo e descrição no desempenho de um serviço para (imperceptível) do qual concorreu, por sem dúvida , à ilustração e dedicação individual. O.S. n.º 9 (2.ª Série) de 24 de Novembro de 1910.*" Mais tarde integrou o Corpo Expedicionário Português, participando na Campanha que se desenrolou em França.

Esta alteração de regime não foi acarinhada por todos, e pela mesma via (armada) quiseram alguns iniciar as hostilidades, pois no dia 1 de Outubro de 1911 regista-se a tentativa de

destruição da Ponte da Presa situada entre a estação do Fratel e Vila Velha de Ródão com recurso a material explosivo (cartuchos de dinamite). Na chegada do comboio de mercadorias n.º 2476 à estação do Fratel, sendo oriundo de Castelo Branco, de onde partira pelas 11H35 e chegara às 13H06, foi sentida uma explosão. No dia seguinte, num local apelidado de Trincheira de Barro, um pouco acima da estação de Ródão, voltam-se a registar explosões, sem danos, e por aquela zona viriam a ser localizados cartuchos de dinamite incólumes. Tudo indica que existia a intenção de eliminar o Governador Civil, Dr. Trindade Coelho, o qual deveria viajar num comboio que passava por esta ocasião.

Estes atentados foram atribuídos a residentes no concelho de Ródão, apoiantes do regime monárquico. Alguns deles viriam a ser detidos enquanto outros se alvoraram, sendo apreendido algum desse material na casa de um deles. Era intenção, ao que se julga, de isolar o distrito de Castelo Branco, e a partir daqui iniciar-se uma sublevação que levaria à restauração da monarquia, chegando-se a registar levantamentos em algumas freguesias no distrito, entre elas, a do Fratel. Nos primórdios do ano 1912 regista-se a fuga de prisioneiros do forte Alto do Duque, entre eles, alguns dos conspiradores de Ródão. Também neste ano a Guarda Nacional Republicana em Vila Velha é guarnecida com alguns elementos, no caso três militares de Infantaria e dois de Cavalaria, porque existia o receio de que pudessem ocorrer novos levantamentos. Aqui já existia Guarda Fiscal, precisamente nas instalações onde permaneceram alguns dos detidos nos acontecimentos supra referidos.

Os primeiros anos da jovem República não foram pacíficos, não só pela oposição realista, mas, também, pelos constantes movimentos revolucionários republicanos, como por exemplo o que resumidamente se retrata.

Em 23 de Janeiro de 1915 o Presidente da República Manuel de Arriaga convidou o General Pimenta de Castro para formar Governo. Numa fase inicial Pimenta de Castro sobraçou todas as pastas para depois organizar um ministério que, exceptuando dois civis republicanos extra-partidários, era constituído apenas por militares. Esteve no poder quatro escassos meses, de 25 de Janeiro a 14 de Maio de 1915. A generalidade dos partidos levantou forte oposição ao Governo e promoveram por todos os processos legais e ilegais o seu derrube. Este período foi apelidado de *Ditadura de Pimenta de Castro*.

No dia 14 de Maio de 1915 eclode a revolta, sendo que na tarde desse dia o executivo, face ao desequilíbrio de forças, vendo a população a favor dos revoltosos, e para evitar maior número de vítimas, demite-se, mas o conflito não ficou solucionado. Os redutos da Ditadura situavam-se no Quartel da GNR no Carmo, tendo sido cercados pelos militares e civis afectos à Junta Revolucionária. A 16 de Maio, perante a ameaça de se dar início a bombardeamentos, o General Pimenta de Castro rende-se e, mais tarde, é deportado para Angra do Heroísmo. A revolução termina no dia seguinte. As perdas humanas de 14 a 17 de Maio (em Lisboa) fixam-se nos 150 mortos e mais de 1000 feridos em Lisboa, Porto e Santarém.

A *Ilustração Portuguesa*, na sua edição de 14 de Junho de 1915, dá especial destaque a esta revolução nos seguintes termos: "*Não foi só nas cidades que no dia 14 de Maio o amor pátrio levou muitos portugueses a empunhar armas para defender a república, também em muitas vilas o mesmo sucedeu, salientando-se as de Almada e Vila Velha de Rodam onde os civis praticaram actos de valor".* Precisamente por esta ocasião viria a ser morto em Almada (presumivelmente no Quartel de Artilharia de Costa) o Alferes Carlos Figueiredo Pinto, natural de Vila Velha de Ródão. A citada *Ilustração* edita cliché dos cortejos fúnebres.

Figura 3. Portas de Rodam – Cliché da *Ilustração Portuguesa* (1915)

Figura 4. Em Vila Velha de Ródam – Cortejo fúnebre do Alferes de Artilharia Sr. Carlos Figueiredo Pinto, morto em Almada e traslado para aquela vila, a caminho do cemitério

No processo individual deste militar nada consta sobre os motivos da sua morte. Aliás, dali só podemos extrair que foi incorporado como voluntário no Regimento de Cavalaria 8 em 12 de Agosto de 1908 (com 18 anos de idade), depois frequentou a Escola de Guerra (Academia Militar), sendo promovido a Alferes no dia 31 de Outubro de 1914. Condecorações e Louvores: Terceiro Prémio Honorífico no 3.º Ano do Curso de Artilharia da antiga Escola do Exército. Colocação: Alferes para o 1.º Batalhão de Artilharia de Costa (Trafaria) em 2 de Novembro de 1914.

Não sobejam dúvidas que a Monarquia do Norte (1919), também apelidada de *Reino da Traulitânia* constitui o movimento mais expressivo para restaurar a monarquia, encabeçado pelo Capitão de Artilharia Henrique de Paiva Couceiro, famoso caudilho monárquico. Assim, no dia 19 de Janeiro de 1919, no Monte Pedral - Porto, perante várias unidades militares, foi proclamada a realeza. Demasiado preocupados em achincalhar os oposicionistas, não diligenciaram por dominar a capital, e esse terá sido um erro fatal às suas aspirações. Por regra, *os movimentos nascem quase todos na dita província, mas só se tornam força de lei se singrarem em Lisboa*.

Lista de alguns dos militares do nosso concelho que foram parte activa na luta desenvolvida para obstar o avanço dos revoltosos (Quadro 8).

Quadro 8. Participantes na luta contra os Revoltosos do Norte

Nome	Naturalidade	Posto	Unidade Militar	Data Participação	Fim Participação
José Sequeira (1)	Fratel	Soldado	RI 22	23-01-1919	21-02-1919
Joaquim Sequeira	Fratel	Soldado	RI 30	02-02-1919	21-02-1919
José Augusto	Cebolais de Baixo	Soldado	RI 22	21-01-1919	30-01-1919
Jaime Porto	Fratel	Soldado	C. Ferro Brig. N.º 3	22-01-1919	19-02-1919

João Dias Bolete	Fratel	Soldado	C. Ferro Brig. N.º 3	22-01-1919	19-02-1919
João Mendes Corga (2)	Marmelal	Soldado	RC 10	11-09-1914	06-12-1915
Adelino José Dias (3)	Gardete	Soldado	RC 10	11-09-1914	06-12-1915
Manuel Cardoso	Amarelos	Soldado	GNR Bat. N.º 3	22-01-1919	21-02-1919
Thomaz Pires	Tostão	Soldado	C. Ferro Brigada N.º 3	29-01-1919	19-02-1919
José Pombo Cardoso (4)	Amarelos	2.º Sargento	Bat. Art. Guarnição	-	-

(1) Ingressou na GNR.
(2) Participou nas Campanhas de África (1.ª Guerra Mundial), expedição a Moçambique (1914-15). Mais tarde, já em território nacional viria a participar nas campanhas contra os revoltosos monárquicos, sendo louvado nos seguintes termos: *"Pelo Sangue frio, valentia e iniciativa que mostrou durante os serviços arriscados durante o combate de Águeda contra os revoltosos monárquicos"*
(3) Participou nas Campanhas de África (1.ª Guerra Mundial), expedição a Moçambique (1914-15). Em território nacional, *"tomou parte nas Operações contra os revoltosos do Norte do País de 2/2/1919 a 08/03/1919 e contra os revoltosos monárquicos de Monsanto de 23 a 25/01/1919".* Mais tarde, veio a ingressar na GNR.
(4) Louvado "*pela decidida boa vontade e extrema dedicação com que cooperou na adaptação da única plataforma susceptível de ser utilizada no tiro contra Monsanto, demonstrando assim o seu espírito de disciplina e a mais nítida compreensão dos cumprimentos dos seus deveres militares*".

4. Primeira Guerra Mundial

A segunda década do século XX é marcada por uma junção de dois fenómenos verdadeiramente explosivos.

Primeiramente, uma guerra extensível a vários países e continentes, despoletando um contexto de tragédia e dificuldades extremas, agravando-se por essa altura as condições de vida.

Em segundo, ninguém está a salvo; combatentes e não combatentes, o mundo é varrido por uma *foice mortífera* conhecida por *Gripe Espanhola* ou *Pneumónica*, por sinal muito mais penalizante que o primeiro fenómeno. Em parte, este segundo fenómeno é o corolário do primeiro.

Tratando-se de um dos concelhos, em termos territoriais e seguramente populacional, dos mais pequenos do nosso país, é de realçar o número de efectivos destinados aos diferentes palcos de guerra.

No Anexo apresenta-se sinopse dos militares destinados ao Corpo Expedicionário Português logo seguida dos actos mais relevantes atribuíveis em termos individuais.

5. Ensino

«*A educação é um processo de desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida*» (John Dewey).

No século XIX, Portugal vive um período bastante conturbado numa perspectiva política, social e económica (ex: guerra peninsular, civil), tornando-se extremamente dependente de terceiros (Inglaterra), acabando por ser relegado para um estatuto periférico. A Europa central dá assinaláveis passos na modernização, consequentemente na alfabetização e escolarização, estes verdadeiros impulsionadores do desenvolvimento das nações. Lamentavelmente, Portugal dá ténues passos nesse sentido e entra no século XX com uma das mais baixas taxas de alfabetização e, por sinal, um dos menos desenvolvidos.

Quadro 9. A alfabetização na Europa (perspectiva comparada)

Países	1850	1900	1950
Paises Nórdicos, Alemanha, Holanda e Suiça	aprox. 95%	aprox. 98%	aprox. 98%
Espanha, Itália e Polónia	aprox. 25%	aprox. 40%	aprox. 80%
Rússia	aprox. 15%	aprox. 25%	(URSS) aprox. 90%
Portugal	**aprox. 15%**	**aprox. 25%**	**aprox. 55%**

O nosso processo de escolarização só atinge níveis equiparados a nações desenvolvidas na década de 60 do século XX e ao contrário (CANDEIAS, 2007) do que se dizia «*foi o Estado Novo e não a I República quem escolarizou os portugueses*». Existiu um forte investimento no projecto escolar, sendo que o problema do analfabetismo passou a ser uma questão etária ou geracional.

Quadro 10. Taxa de alfabetização da população portuguesa geral e por grupos etários (3) de 1900 a 1991

Alfabetos	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981	1991
10 ou menos anos	27%	31%	35%	40%	48%	58%	67%	74%	79%	89%
10 a 14 anos	24%	32%	36%	42%	60%	76%	97%	99%		99%
20 a 24 anos	30%	35%	40%	44%	56%	68%	80%	96%	98%	99%
50 a 54 anos	22%	26%	30%	34%	39%		48%	59%	70%	85%

Quadro 11. População do concelho de Vila Velha de Ródão (Alfabetizada / Analfabeta)

	População de facto			**Instrução**					
				Analfabetos			**Sabem Ler**		
Censo	**Total**	**Varões**	**Fêmeas**	**Varões**	**Fêmeas**	**Total**	**Varões**	**Fêmeas**	**Total**
1911	**7877**	3975	3902	3163	3581	**6744**	812	321	**1133**
1920	**7809**	3821	3988	2804	3543	**6347**	1017	445	**1462**

	EM TERMOS PERCENTUAIS								
	População de Facto			**Analfabetos**			**Sabem Ler**		
Censo	**Total**	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	**Total**	Varões	Fêmeas	**Total**
1911	**100%**	50,5%	49,5%	40,1%	45,5%	**85,6%**	10,3%	4,1%	**14,4%**
1920	**100%**	49%	51%	35,9%	45,4%	**81,3%**	13%	5,7%	**18,7%**

Numa análise comparativa dos quadros antecedentes, facilmente se percebe que o concelho regista uma elevadíssima taxa de analfabetismo, muito acima da média nacional. Por outro lado, a população feminina é a mais afectada, demonstrativo de um extremo conservadorismo da sociedade local no início do século XX.

Muito embora o concelho de Ródão se encontre provido e bem representado de estabelecimentos de ensino, em termos geo-estratégicos contrapõe-se o facto das famílias não olharem o ensino como um estado de necessidade premente, aliás muitas vezes visto como um empecilho à estrutura económica (sustento) das famílias. Assim, não obstante ser de carácter obrigatório, o facto é que o poder executivo e autárquico não conseguiram impor tal regra e com isso adensa-se o espectro do analfabetismo, enfim do sub-desenvolvimento.

O Estado Português na escolha dos seus futuros quadros, mormente no que tange a quem se encontra incumbido de aplicar a *legem*, deveria ser exigente; todavia age ao contrário e disso é exemplo o edital mandado afixar por Manuel Esteves Carmona, Administrador do concelho de Vila Velha de Ródão, onde *"faz publico de que por ordem dos Comandantes das diferentes unidades deste Distrito de Recrutamento Militar, se faz convite às praças das mesmas unidades residentes na área deste concelho para servirem na GNR. Todas, quer saibam ler, escrever e contar,* ***quer sejam analfabetos****, poderam servir.* ***Os analfabetos só podem servir em Lisboa****. 30 de Maio de 1917*".

A nível militar existiam quatro formas de classificar o grau de instrução dos mancebos e, dependente desse grau, poderiam evoluir ou ascender nas respectivas categorias (praças e sargentos). Temos, o 1.º Grupo como o dos «*analfabetos*», o 2.º aos que sabiam «*ler e escrever mal*» mas que não deixam de ser analfabetos, o 3.º aos que sabiam «*ler, escrever e contar*» e, por último, o 4.º Grupo significando que sabiam «*ler, escrever e contar correctamente*». Por regra, só os que possuíam o 3.º ou 4.º Grupo é que poderiam ascender à classe de Sargentos.

Com recurso aos elementos consignados no livro de recrutamento referente à classe de 1916, num universo de 34 indivíduos recenseados verificamos que doze deles foram classificados no

1.º Grupo, três no 2.º Grupo, oito no 3.º Grupo, e finalmente oito no 4.º Grupo, portanto, uma elevadíssima taxa de analfabetismo.

Compulsado o Registo de Efectividade dos Professores e Livro de Registo de Diplomas (1914) constata-se que existiam estabelecimentos de ensino nas seguintes localidades:

- **Vila Velha de Ródão** (sexo masculino / feminino) – Professores João Alves Lopes Manso, Aurora Rosa Martins e Maria da Conceição Romãozinho;
- **Fratel** (sexo masculino / feminino) – Professores Elvira do Carmo Rodrigues (anteriormente colocada na escola Mista do Pé-da-Serra / Niza), João Dias Correia e Mariana Amaro Boavida;
- **Sarnadas** (sexo masculino / feminino) – Professores António Martins e Maria das Dores H. dos Santos;
- **Foz do Cobrão** (misto) – Professor Benjamin António Pires Rombo (antes de transferido para a Foz, leccionou em Painho-Cadaval);
- **Gavião de Ródão** (misto) – Professor Ajudante Benjamin António Pires Rombo;
- **Alvaiade** (misto) - Professora Maria Nunes Louro;
- **Perdigão** (sexo masculino /feminino) - Professor Joaquim Pereira;
- **Alfrívida*** (sexo masculino /feminino) - Professor José Lopes Esteves.

* Sede de freguesia

O quadro que segue (Quadro 12) respeita ao número de alunos originários do nosso concelho que se sujeitaram ao exame de admissão para frequentar a Escola Primária Superior de Castelo Branco, futuros professores primários. No período em abrangência verifica-se que onze desses candidatos eram do sexo masculino, sendo os remanescentes (sete) do sexo feminino, coincidindo com a população alfabetizada no concelho, maioritariamente homens.

Porém, nos últimos anos já se nota uma maior afluência aos ditos exames de mulheres, muito possivelmente por muitos dos potenciais candidatos masculinos terem sido chamados a cumprir as suas obrigações militares (1.ª Guerra Mundial), também, porque houve uma imposição legal a determinar que 2/3 deveriam ser ocupados por mulheres e 1/3 pelos homens (GOULÃO, 2003).

Quadro 12. Candidatos ao exame de admissão
na Escola Primária Superior de Castelo Branco

	V. V. Ródão	Fratel	Sarnadas	Perais	Nº total candidatos
1913-14		1	2		**28**
1914-15	2		1		**34**
1915-16		1			**50**
1916-17	1		2		**65**
1917-18		2	1	2	**50**
1918-19	2		1		**61**
Totais	**5**	**4**	**7**	**2**	

6. Situação económica

À entrada do século XX o país é caracterizado por uma estrutura basicamente rural, apresentando uma baixa taxa de desenvolvimento industrial e comercial. A espinha dorsal da actividade económica nacional e local assenta na pequena propriedade e na pequena oficina, em regra de cariz familiar.

A rede ferroviária muito contribuiu para a construção de um mercado nacional, um instrumento integrador, pois, veio permitir uma maior fluidez nas trocas comerciais; todavia, a actividade económica manteve as características anteriormente traçadas (pequena dimensão).

A instalação da linha ferroviária (1885-1891), associada à rodoviária, e a construção da ponte sobre o Tejo (1884-1888) vieram destronar o comércio fluvial, que gradualmente foi perdendo a sua importância, acabando o Porto do Tejo por cingir-se à mera actividade piscatória.

A actividade económica existe, muito embora incipiente, e tem na Foz do Cobrão o seu expoente máximo, intimamente ligada aos lanifícios, cujas raízes remontam ao período pombalino. Em 29 de Julho de 1911, a Comissão Administrativa do Concelho, presidida por Matias Lopes Branco, dirige-se ao Ministro do Fomento, onde invoca que aquela localidade é considerada a "*mais industrial terra deste concelho*". Na Beira Baixa, a par da Covilhã e Cebolais, constitui o *cluster* desta indústria.

Quadro 13. População activa dividida em grupos profissionais

Grupos Profissionais	Portugal Continental			Vila Velha de Ródão			Vila Velha de Ródão Diferenças Totais
	N.º Absolutos			N.º Absolutos			
	1900	**1911**	**1920**	**1900**	**1911**	**1920**	**1911-1900**
Trabalhos Agrícolas		3178708		5194	5951		757
Pesca e Caça		38218		54	62		8
Extracção Mineira		17300		----	2		2
Indústria		1109542		845	991		146
Transportes		196671		359	197		- 162
Comércio		357742		184	237		54
Força Pública		77163		72	100		28
Administração Pública		53727		29	44		15
Profissões Liberais		105441		72	64		- 8
Proprietários		190814		13	109		96
Trabalhos Domésticos		48174		190	6		- 184
Improdutivos		114251		56	114		58

Entre 1900 e 1911 deparamo-nos com um crescimento populacional na ordem das oito centenas. Por sua vez, constatamos que os trabalhos agrícolas verificam um crescimento nessa ordem, mas isso não quer dizer que tenha aumentado a massa salarial ou intensificação da actividade agrícola, porquanto também as outras actividades verificam assinaláveis crescimentos

(ex: Indústria). A compensação poderá advir do facto de ter sido dada outra classificação às ocupações. Por exemplo, as actividades *domésticas*, foram relegadas para segundo plano e passaram a estar ligadas às lides agrícolas.

Da leitura do quadro que segue, verifica-se que os jovens mancebos que se apresentaram à inspecção nos anos de 1911 a 1916 estão na sua maioria ligados às actividades agrícolas, sendo classificados como jornaleiros (quem trabalha à jorna), proprietários, lavradores ou agricultores. Depois, surgem fornadas de profissões do sector secundário e terciário mas sem grande expressividade de efectivos com excepção dos Caixeiros (32). No fundo, este quadro é uma montra da actividade económica do nosso concelho e sua representatividade.

Quadro 14. Profissões (dos mancebos que se apresentaram à inspecção)

N.º	Profissões	1911	1912	1913	1914	1915	1916	Totais
1	Jornaleiro	46	45	51	45	47	59	**293**
2	Desconhecida	1	14	7	3	5	14	**44**
3	Estudante	4	0	2	5	2	5	**18**
4	Trabalhador	1			3	1		**5**
5	Proprietário	17	20	9	5	11	7	**69**
6	Cocheiro	1						**1**
7	Sapateiro	4	3	1	1	2	2	**13**
8	Serralheiro	1						**1**
9	Alfaiate	1	2	1	2	2	3	**11**
10	Barbeiro	3			2	2		**7**
11	Pedreiro	2	4	1	1	1	1	**10**
12	Assentador Caminhos-de-ferro	1	1					**2**
13	Carpinteiro	1	2		1			**4**
14	Militar	2						**2**
15	Praticante de Farmácia	1						**1**
16	Canteiro		1					**1**
17	Negociante		1			1		**2**
18	Empregado de Comércio		5	2	2	1		**10**
19	Moleiro		1					**1**
20	Relojoeiro		1	1			1	**3**
21	Criado de Servir		2					**2**
22	Lavrador		1					**1**
23	Serrador		1	1				**2**
24	Pescador		1		1			**2**
25	Jeireiro		1					**1**
26	Praticante de Finanças		1					**1**
27	Telegrafista		1					**1**
28	Pintor		1					**1**

29	**P**astor		1	1		2		**4**
30	**F**errador			1	1			**2**
31	**F**erreiro			1	1	2	1	**5**
32	**A**gricultor			4				**4**
33	**T**rabalhador Rural			8				**8**
34	**C**omerciante			1	1			**2**
35	**C**aixeiro	5		3	5	7	12	**32**
36	**M**arítimo			1				**1**
37	**E**mpregado do C.de Ferro			1				**1**
38	**F**unileiro			1				**1**
39	**E**screvente (Repartição de Finanças)			1	1			**2**
40	**F**erroviário			1				**1**
42	**T**ecelão				1			**1**
44	**F**armacêutico				1			**1**
45	**C**arregador					1		**1**
46	**O**leiro					1		**1**
47	**S**ingeleiro					1		**1**
48	**C**arregador Caminhos de Ferro					1		**1**
49	**E**mpregado Bancário						1	**1**
50	**F**actor Caminhos de Ferro						1	**1**
51	**A**prendiz de Ferreiro						1	**1**
52	**E**mpregado de Escritório						1	**1**
	Totais	**91**	**110**	**100**	**82**	**90**	**109**	**582**

Muito embora exista um frenético movimento de registo de minas (1907-1909), algumas delas por iniciativa de cidadãos estrangeiros, levaria a supor que poderíamos estar sob o ponto de tracção económica do concelho. Contudo, os censos não evidenciam uma maior empregabilidade nessa área, o que *per si* não comprova que algumas delas não tivessem sido exploradas, quiçá exaustivamente.

Seguindo a linha férrea entre Ródão e o apeadeiro da Tojeirinha, vêem-se alguns *algares* e movimentos de terra que evidenciam escavações próprias de exploração mineira.

Por anos, e de forma sucinta, apresentam-se os dados extraídos do Livro de Registo de Minas da Câmara Municipal.

1907
3 Mina de Chumbo em Carapetosa.
1 Mina de Chumbo na Buraca da Moura.
1 Mina de Cobre em Tojeirinha.

1908
1 Mina de Cobre no Gavião (Fundo das Cavadas).

1 Mina de Cobre na Tojeirinha.
1 Mina de Cobre no Ribeiro do Enxarrique-Gavião.
1 Mina de Cobre no Alvaiade.
1 Mina de Chumbo em Carapetosa.
1 Mina de Ferro na Portela da Vila – Ródão.
1 Nascente de águas minero-medicinais na Fonte das Virtudes.

1909
2 Mina de Cobre na Tojeirinha.
1 Mina de Chumbo na Carapetosa.
1 Mina de Cobre no Alvaiade.
1 Mina de Cobre no Ribeiro do Enxarrique.
1 Mina ou depósito de aluvião aurífero nas Portas de Ródão.
1 Nascente de águas minero-medicinais na Fonte das Virtudes.

1910
2 Mina de Cobre na Tojeirinha.
1 Mina de Chumbo na Carapetosa.

1911
1 Mina de Cobre na Tojeirinha.
1 Mina de Chumbo na Carapetosa.

1914
1 Mina de Chumbo no Vilar de Boi.
1 Mina de Chumbo no Montinho.

1920
1 Mina de Cobre no Ribeiro São Pedro.
1 Mina de Cobre na Barreira da Capela (Ródão).

Aquando do início da 1.ª Guerra Mundial (1914) a Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão possuía um quadro de pessoal[8] reduzido, com os vencimentos e encargos que adiante se referem. Assim, temos:

1) Dr. **Francisco** António da **Paula**, Facultativo Municipal e Sub-Delegado de Saúde, aufere 45$83;
2) **José** da Cruz **Filipe**, Secretário da Câmara Interino, 15$00;
3) **José Pires**, Oficial de Diligência Aposentado, 6$00;
4) **Manoel** Joaquim **Baptista**, Oficial de Diligências Interino e Carcereiro, 6$08;
5) **Jaime** Miguens **d´Oliveira**, Administrador do Concelho, 25$00;
6) **António** Esteves **Caramona**, Secretário da Administração Interino, 15$00;
7) **Joaquim** Marques dos **Santos**, Amanuense da Administração Interino, 9$00;
8) **Sebastião** Santos da **Costa**, Oficial de Diligência da Administração, 6$00;
9) **António** Fortunato de **Morais**, Aferidor de Pesos e Medidas, 1$66.

No total, as despesas com pessoal fixavam-se nos 129$57.

[8] Livro de Registo de Folhas dos empregados administrativos nos anos de 1914 a 1922.

No ano em que findou o dito conflito (1918), precisamente no período de abrangência da Gripe Pneumónica, o quadro de pessoal da Câmara era o seguinte:

1) Dr. **Francisco** António da **Paula**, Facultativo Municipal e Sub-Delegado de Saúde, aufere 45$83;
2) **José** da Cruz **Filipe**, Secretário da Câmara Interino, 25$00;
3) **José Pires**, Oficial de Diligência Aposentado, 6$00;
4) **Manuel** Fortunato da **Rocha**, Escrevente da Secretaria da Câmara, 2$00;
5) **António** Fortunato **Morais**, Aferidor de Pesos e Medidas, 9$22;
6) **Guilhermino Correia**, Oficial de Diligência da Câmara e Carcereiro, 8$00 (Combatente 1.ª Guerra Mundial, Cabo em Artilharia 8);
7) **Joaquim** Tavares da **Rocha**, Fiscal de Obras, 9$00;
8) **Manuel Baptista**, Cantoneiro Municipal, 12$00;
9) **Jaime** Miguens **d´Oliveira**, Administrador do Concelho, 25$00;
10) **António** Esteves **Caramona**, Secretário da Administração Interino, 25$00;
11) **Joaquim** Marques dos **Santos**, Amanuense da Administração, 20$00;
12) **Sebastião** Santos da **Costa**, Oficial de Diligência da Administração, 11$66;
13) **João** Martinho da **Rosa**, Tesoureiro Municipal, 16$66.

Por sua vez, as despesas com pessoal fixavam-se nos 210$37.

Numa análise comparativa, concisa, constata-se que houve um aumento do quadro de 1914 para 1918 em cerca de quatro funcionários; por sinal a despesa disparou com um acréscimo de 80$08. Todavia, esse aumento não resulta unicamente da adição de funcionários ao quadro mas também do aumento da massa salarial de alguns que o compõem, nomeadamente o secretário da câmara interino que se vê auferir mais 10$00.

Por outro lado, verifica-se que o quadro mais bem remunerado, Dr. Francisco Paula, aufere aproximadamente 22 (vinte e duas) vezes mais que o menos bem remunerado, o Sr. Manuel Rocha. Este último funcionário precisava de trabalhar um mês e meio para comprar um decalitro de azeite, o qual à época e como atrás se diz, estava fixado nos 2$90.

Daqui nos podemos aperceber das dificuldades extremas em que viviam as famílias.

Quadro 15. Estabelecimentos comerciais (tabernas) no ano de 1900

Freguesia de Vila Velha de Ródão	
Vila Velha de Ródão	4
Porto do Tejo	4
Alvaiade	3
Foz do Cobrão	2
Vilas Ruivas	1
Mangação – Serrasqueira	1
Gavião	2
Total (1)	**17**

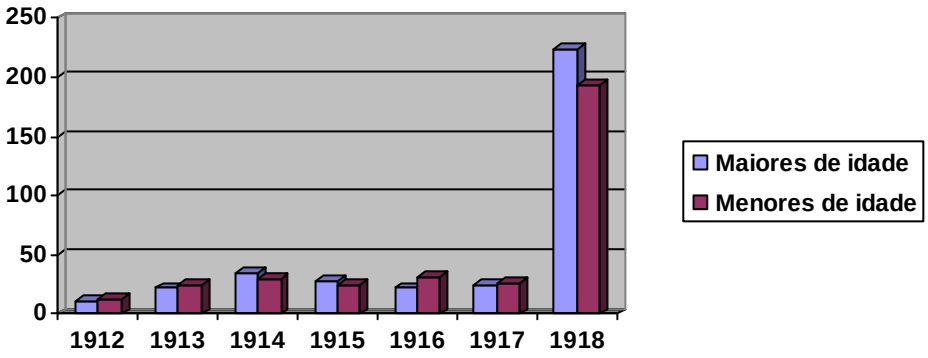
Freguesia do Fratel	
Fratel	4
Perdigão	2
Total (2)	**6**
Freguesia de Sarnadas	
Sarnadas	5
Rodeios	1
Amarelos	1
Total (3)	**7**
Freguesia de Perais	
Perais	1
Total (4)	**1**
TOTAL (1+2+3+4)	**31**

7. Dados estatísticos sobre a Pneumónica

Nesta última franja do trabalho sobre a *Pneumónica* no concelho de Vila Velha de Ródão, trago à colação os números efectivos desse flagelo que não poupou ricos e pobres, homens e mulheres, crianças e idosos, cristãos ou gentios.

A taxa de mortalidade é um notório reflexo do período que se vive, crescendo a partir de 1913, atingindo o seu clímax no ano de 1918 (muito por culpa da Gripe Pneumónica). Infelizmente a taxa de mortalidade entre recém-nascidos e menores de idade continua a ser elevadíssima, chegando a ultrapassar o curso normal, ou seja dos maiores de idade. Isso, necessariamente passaria pela subnutrição, na falta de apoios primários de saúde, de higiene, …

Gráfico 1. Óbitos (1912-1918)



Quadro 16. Nº de óbitos

Ano	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918
Maiores	11	22	35		22	-	224
Menores	13	24	29		32	-	193
Totais	**24**	**46**	**64**	**154**	**54**	**151**	**417**

Como já se frisou, existiram duas vagas a primeira ocorrida entre Maio e Julho de 1918, de índole verno-estival, e sem grande mortandade.

Precisamente na consulta ao Livro de Óbitos no que tange a este período verifica-se que não foi registado qualquer falecimento devido a esta nova tipologia. Aliás, é maioritariamente consignado o óbito de etimologia desconhecida. Todavia, daqui não se pode extrair a ideia de que o concelho de Ródão foi imune à primeira investida deste fenómeno mas antes a um desconhecimento, falta de instruções quanto ao tratamento ou registo desses dados.

Quadro 17. Quadros comparativos dos registos de causas de morte

LIVRO DE ÓBITOS DE 1915		
Freguesia	**N.º Óbitos desconhecidos**	
Fratel	61	
Vila Velha de Ródão	47	
Sarnadas	8	
Perais	15	
Causa desconhecida	**131**	85%
Conhecida	**23**	15%
TOTAL de Óbitos	**154**	

LIVRO DE ÓBITOS DE 1917		
Freguesia	**N.º Óbitos desconhecidos**	
Fratel	52	
Vila Velha de Ródão	44	
Sarnadas	16	
Perais	15	
Causa desconhecida	**127**	84%
Conhecida	**24**	16%
TOTAL de Óbitos	**151**	

LIVRO DE ÓBITOS DE 1918		
Freguesia	**N.º Óbitos desconhecidos**	
Fratel		
Vila Velha de Ródão		
Sarnadas		
Perais		
Causa desconhecida	**266**	64%
Conhecida	**151**	36%
TOTAL de Óbitos	**84**	20%

TOTAL ÓBITOS	**417**

Neste último caso temos uma taxa de 56% de causas conhecidas, significando que foram conferidos pelas autoridades médico-sanitárias e administrativas maiores cuidados avaliativos sobre a génese das mortes ocorridas. Estas avaliações revelam-se fundamentais para compreender o tipo de patologia de que sofrem as populações, consequentemente a melhor forma de organizar o sistema de saúde, e quais as melhorias que devem ser exigidas e impostas à população.

Já assim não veio a ocorrer na segunda vaga (Agosto a Novembro de 1918), pois o Director Geral de Saúde, Ricardo Jorge, determina que todos os médicos deveriam participar às autoridades sanitárias competentes o aparecimento de casos epidémicos de gripe. Também sugeria que fosse adiada a abertura do ano escolar, a não realização de feiras, enfim um conjunto de instruções visando impedir a proliferação dessa epidemia.

No Livro de Óbitos do concelho de Vila Velha são conferidos três nomes a esta epidemia: *Influenza Pneumónica*, *Pneumónica* ou *Gripe Pneumónica*. As duas primeiras são designações amplamente utilizadas por aquele médico.

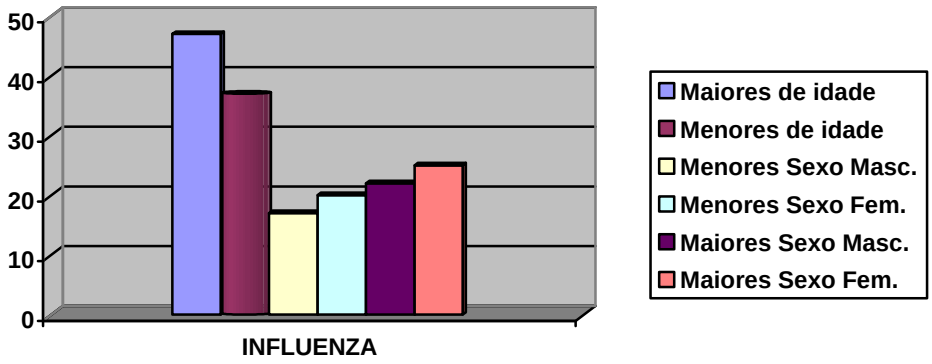
Em Fevereiro de 1918, o Dr. Francisco António da Paula era Facultativo Municipal e Sub-Delegado de Saúde, conforme já se referiu.

A esta data só existiria uma farmácia, propriedade do Sr. Jaime Miguens d´Oliveira. O Sr. Jaime, e como já ficou dito, foi edil, farmacêutico, provedor da Santa Casa da Misericórdia (fundador), e dos primeiros ou até o primeiro a possuir veículo automóvel no nosso concelho.

O período de vigência da segunda vaga, em termos nacionais, ocorre entre Agosto e Novembro de 1918, enquanto no concelho de Ródão só se inicia um mês depois.

Aquele que foi primeiro óbito oficial por *Influenza Pneumonica* ocorre aos vinte e oito dias do mês de Setembro de 1918, na localidade do Fratel, vitimando uma criança com 10 anos de idade, do sexo feminino. Já a última vítima regista-se no dia vinte e cinco de Novembro, vitimando, também ela, uma criança com 13 anos de idade do sexo feminino. Por outro lado, existem casos verdadeiramente dramáticos, ceifando famílias inteiras.

Gráfico 2. Óbitos por Influenza (1918)



Não é despropositado considerar *negro* o mês de Outubro, pois as trevas cobriram com o seu manto as freguesias do Fratel e Sarnadas, em especial a primeira, onde quase todos os dias se sepultava mais do que um indivíduo.

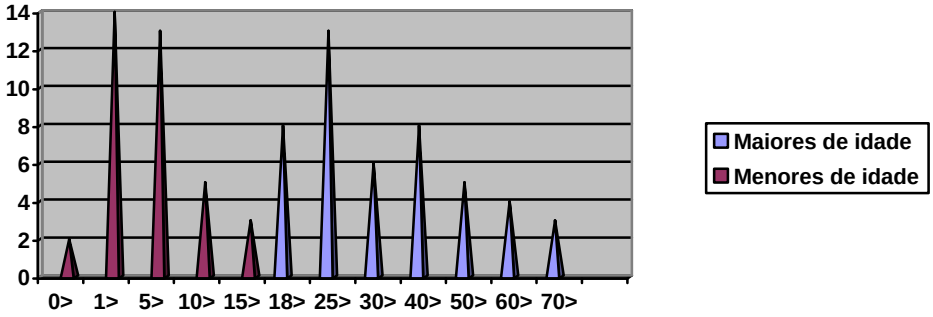
No total a *Influenza* ceifou 84 (oitenta e quatro) indivíduos, com especial incidência do sexo feminino, quer sejam adultos ou menores de idade, conforme se poderá observar no gráfico anterior (Gráfico 2).

Como já se encontra referido, a *Gripe Pneumónica* que nos atingiu teve origem em Espanha, sendo que neste país a mortalidade gripal mais elevada verificou-se nas idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos de idades, com especial impacto na faixa dos 25 aos 29 anos. No que respeita às crianças as mais atingidas foram as de idade inferior a 12 meses de vida. Esta realidade é extensível aos concelhos de Lisboa e Leiria (FRADA, 2005).

Por sua vez, os grupos etários com registo de maior mortalidade no nosso concelho situam-se entre 1 e 9 anos de idade (27), logo seguido pelo situado entre os 18 e os 29 anos de idade (21).

Ao contrário do cenário espanhol e do concelho mais populoso de Portugal, a mortalidade gripal no concelho de Ródão foi mais benevolente com os recém-nascidos, com maior incidência nos jovens com idades compreendidas entre 1 e 4 anos de idade (14). No que respeita aos maiores de idade ceifou mais vidas no grupo situado entre 25 e 29 anos de idade (13).

Gráfico 3. Óbitos por Influenza (Menores / Maiores)

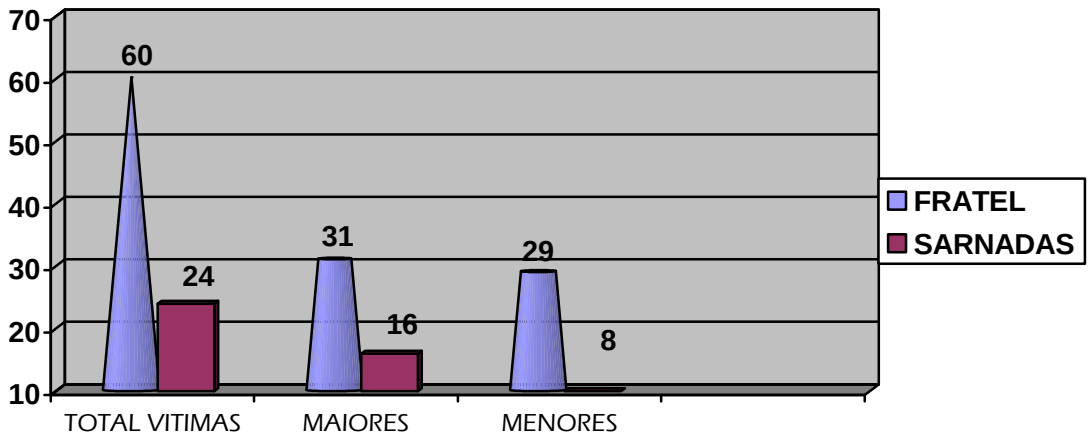


Constata-se que a *Influenza* só provocou vítimas nas freguesias do Fratel e Sarnadas, em especial na primeira, onde ceifou 60 indivíduos, sendo 31 deles maiores e 29 menores.

Se analisarmos por localidades, a mais afligida foi o Fratel, por sinal a mais populosa do concelho, somando 25 vítimas, 10 maiores, 15 menores de idade. É seguida por Sarnadas, a qual registou 13 vítimas, sendo 8 maiores e 5 menores de idade.

O sistema de saúde concelhio, presumindo-se que só estivesse um médico afecto (Dr. Paula), a par de uma única farmácia (Sr. Jaime Miguens), quando passamos por um dos apogeus de crescimento populacional, facilmente se depreende que se trata de um sistema de saúde insuficiente e certamente deficitário, mais quando ambos se encontram sedeados na cabeça do concelho, e por seu turno o flagelo da *Pneumónica* corre pelas freguesias do Fratel e Sarnadas, estas as localidades mais populosas. Ora, por regra, as crianças e idosos são o grupo imunitariamente menos resistente, consubstanciado com os parcos recursos médicos e farmacológicos, acabando por ser as principais vítimas de um surto desta natureza.

Gráfico 4. Óbitos por influenza (freguesias/Menores/Maiores)



Subtrai-se do quadro abaixo fixado que a mortalidade percorreu quase todos os lugares que compõem estas freguesias, com especial incidência nos mais habitados. Por exemplo, o segundo maior número de vítimas na freguesia do Fratel ocorre no Perdigão, precisamente o segundo lugar mais populoso desta freguesia.

Por outro lado, as aldeias mais isoladas e distantes são as menos afectadas (ex: Carepa). Também as localidades mais distantes, isoladas e menos populosas da freguesia de Sarnadas são as menos afectadas (ex: Atalaia). Estranhamente, os Amarelos, uma das localidades mais próximas da sede de freguesia, não regista vítimas.

Quadro 18. Listagem óbitos (Influenza) por localidades

Localidade	Maiores	Menores	Total
Fratel	10	15	**25**
Montinho		2	2
Perdigão	2	4	6
Riscada	1	-	1
Gardete	2	-	2
Carepa		1	1
Vale da Bezerra	4		4
Vilar do Boi	0	5	5
Peroledo	2		2
Vermum	2	1	3
Ladeira	1	1	2
Juncal	4	-	4
Vale da Figueira	1	-	1
Marmelal	2	-	2
Total	**31**	**29**	**60**

Localidade	Maiores	Menores	Total
Sarnadas	8	5	**13**
Rodeios	4	-	4
Vale do Homem	1	1	2
Carapetosa	1	2	3
Atalaia	1	-	1
Cebolais de Baixo	1	-	1
TOTAL	**16**	**8**	**24**

Além da questão da crise política, económica, social, das condições fito-sanitárias e nutricionais, uma das outras causas apontadas para a proliferação desta doença poderia residir na elevada densidade populacional.

Estranhamente, não existem registos de mortes por esta epidemia na freguesia de Vila Velha e de Perais. Poderíamos aventar uma explicação para a inexistência desta calamidade na freguesia de Perais, a qual estaria relacionada com a falta de comunicabilidade, enfim se tratarem de sítios recônditos.

Relativamente, a Vila Velha, muito embora servida de importantes vias rodoviárias e ferroviária, tal como Sarnadas e Fratel, logo susceptível de sofrer contágios por infectados em trânsito, certo é que tal não nos parece que tenha sucedido, pelo menos de forma generalizada. A meu ver, a sua etiologia poderá residir no facto de se tratar de uma localidade com menor concentração habitacional (dividia-se em quatro zonas - Vila, Estação, Pesqueiras e Porto do Tejo), baixa densidade populacional e com acessibilidade aos cuidados médicos e farmacológicos, por estarem próximos.

De acordo com informação recolhida existiu um caso, o qual atingiu um funcionário da Câmara Municipal, mas conseguiu superar tal maleita.

Hoje em dia muitos dos funcionários camarários, por via das boas comunicações e meios de mobilidade, escolhem livremente o seu domicílio, muitas vezes distante da sede concelhia. Não creio que isso fosse muito vulgar nos tempos em apreço, sendo levado a concluir que o dito funcionário residiria em Vila Velha ou nas suas proximidades.

Ainda sobre este caso, permite-nos aferir sobre os efeitos secundários da *Influenza.* A determinada altura é justificado superiormente o incumprimento de um serviço na Câmara Municipal porquanto um dos seus funcionários "*adoeceu com a pneumónica o que ocasionou o passarem-lhe da ideia muitos assumptos tanto oficiais como particulares*".[9] Significando que ficou afectado nas suas capacidades intelectuais, possivelmente devido ao estado febril em que se manteve.

Um dos nomes adoptados por esta epidemologia foi a *espanhola*, precisamente porque teve origem no país vizinho. Tratando-se de um concelho raiano tudo levaria a supor que o foco de origem pudesse ter sido numa das localidades limítrofes (ex. Monte Fidalgo), e daí se propagasse para as remanescentes. Ora, assim não sucedeu. Daí que se adensam as suspeitas para que a sua origem seja interna, provavelmente provocada por algum indivíduo em trânsito pela estrada de Abrantes para Castelo Branco.

8. Conclusões

A pneumónica surge num período de graves convulsões económicas, sociais, políticas e militares, com as estruturas comerciais desorganizadas. Por outro lado, temos uma população em crescimento exponencial, mas para isso não temos associadas as devidas e necessárias infra-estruturas.

Desde logo, deparámo-nos com extremas dificuldades nas subsistências e, como tal, uma sub-nutrição.

Ao nível cultural e escolar apresentamos índices muito baixos, e daí que não sejamos susceptíveis, muitas das vezes, às sugestões das autoridades, precisamente porque não as compreendemos, assumindo-se que estejam a interferir em demasia. Logo, não são adoptados planos de contingência, ou seja medidas cautelares.

Daí que num ápice se verifique a propagação por quase todas as localidades da freguesia do Fratel e por algumas de Sarnadas.

Não constam casos de pneumónica na freguesia de Ródão e Perais. É compreensível que a esta última não chegue, porque são isoladas, com baixa densidade populacional, casario mais arejado e aberto.

Agora no que se reporta à freguesia de Vila Velha coloco sérias dúvidas sobre a inexistência de casos, até porque é ponto de passagem da estrada Castelo Branco - Abrantes; a aldeia do

[9] Copiador da Correspondência expedida pela administração de Vila Velha de Ródão para as diferentes autoridades, Registo n.º 307, de 27/VIII/1919.

Gavião seria uma das mais populosas, e pelo facto da vida administrativo-política se centrar na sede de concelho, e desse modo, algum indivíduo pudesse ser portador de tal patologia para aqueles lados. Mas, a verdade é que NÃO existem registos. Não obstante, e como já se encontra transposto para este trabalho, um funcionário da Câmara terá sido afectado por tal doença, presumindo-se que vivesse na sede de concelho.

Sendo um dos concelhos mais pequenos e menos populosos de Portugal, não deixa de estar presente de forma directa ou indirecta, positiva ou negativa, nos principais acontecimentos vivenciados no início do século XX.

Bibliografia

Fontes manuscritas

Arquivo Histórico Militar

Processos individuais praças e sargentos (classes de 1904 a 1918).

Cadernos de Recenseamento Militar 1911 – 1919.

Registo dos Militares falecidos por concelho (1914-14), Corpo Expedicionário Português, Serviços de Estatistica e Estado Civil.

Processuais individuais Oficiais: Rebocho, Coronel; Francisco Mendes Ramalhete, Alferes; Filipe Pereira Marcelly, Capitão; Carlos Figueiredo Pinto, Tenente.

Conservatória do Registo Civil de Vila Velha de Ródão

Livro de óbitos de 1915/17 e 18.

Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão (Arquivos)

Livro de Actas 1916-21.

Registo/Copiador de Editais 1911, 1916-21.

Registo de Efectividade dos Professores Oficiais deste concelho 1914-18.

Registo de Efectividade dos empregados ou Livro de Registo de folhas dos empregados administrativos 1914-22.

Livro de Registo Minas.

Copiador de Correspondência 1919.

Livro de Registo de Diplomas.

Livro de Registo de Estabelecimentos Comerciais 1900.

Clichés fotográficos

Arquivo Histórico Militar

Coronel Rebocho: P29A – III-L27-21084; P29A – III – L27 – 21202; P29A – III – L31 – 23031.

Francisco Mendes Ramalhete: P29A – II – L18 – 12982; P29A – II – L19 – 13575; P29A – V-L42 – 28073.

Clichés facultados por neto de José Dias Ribeiro (Sr. Ilídio do Retaxo).

Cliché facultado por Joaquim Dias Castelo.

Clichés do Autor.

Fontes impressas

Enciclopédia Luso Brasileira.

OLIVEIRA, António, general (1993). ***História do Exército Português (1910-1945).*** Estado Maior do Exército, Lisboa.

SANTOS, Machado (2007). ***A Revolução Portuguesa 1907-1910***. Sextante Editora, Lisboa.

SILVA, Helena Moreira da (2008). ***Monarquia do Norte 1919***. Quidnovi, Lisboa.

CANDEIAS, António (2007). ***Alfabetização e Escola em Portugal nos séculos XIX e XX, Os Censos e as Estatísticas***, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

FRADA, João (2005). ***A Gripe Pneumónica em Portugal Continental – 1918. Estudo Socioeconómico e Epidemológico***. Sete Caminhos, Lisboa.

GOULÃO, Francisco (2003). ***Instrução Popular na Beira Baixa***, Volumes I, II e III, Alma Azul, Castelo Branco.

Censo da População de Portugal no 1.º Dezembro de 1900, Lisboa, Imprensa Nacional.

Censo da População de Portugal no 1.º Dezembro de 1911, Lisboa, Imprensa Nacional, 1913-16.

Recenseamento Geral da População no 1.º de Dezembro de 1920, Lisboa, D.G.E, 1923-25.

Relação dos Militares Portugueses sepultados nos Cemitérios de Richebourg l´Avoué, Boulogne s/Mer e Antuérpia, Serviço de Sepulturas de Guerra no Estrangeiro, Ministério da Guerra, 3.ª Direcção Geral (Estado Maior do Exército), Lisboa, 1937.

Imprensa

Jornal *Noticias da Beira* – Castelo Branco.

Jornal *O Concelho de Vila Velha de Ródão*.

Ilustração Portuguesa, 1915 / 1917.

Anexo

Sinopse dos militares destinados ao Corpo Expedicionário Português

Nome	Naturalidade	Posto	Unidade	Local	Embarque	Desembarque LX
ALFREDO PIRES CORREIA	Fratel	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	16-02-1919
ANTÓNIO PAULO	Perdigão	Soldado	RI 28	Moçambique	24-09-1917	13-07-1919
ANTÓNIO PIRES	Ladeira	1.º Cabo	RI 21	França	20-01-1917	28-02-1919
FRANCISCO FORTUNATO	Vilar do Boi	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	08-08-1917	19-07-1918
FRANCISCO PIRES	Ladeira	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
FRANCISCO PIRES ESTEVES	Fratel	Soldado	RI 28	Moçambique	24-09-1917	16-06-1919
FRANCISCO ANTÓNIO	Fratel	2.º Sargento	RI 29	Moçambique	07-08-1917	01-11-1919
FRANCISCO PIRES RODRIGUES	Marmelal	2.º Sargento	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	20-01-1917	08-09-1919
IZIDORO CUSTÓDIO	Fratel	Soldado Servente	CAP do CEP	França	21-08-1917	20-03-1919
FRANCISCO RODRIGUES	Marmelal	Soldado	CAP do CEP	França	21-08-1917	01-05-1919
JOAQUIM SERVOLO	Fratel	Soldado	RI 28	Moçambique	24-09-1917	16-06-1919
JAIME APARICIO PINTO	Fratel	Soldado	RI 28	Moçambique	24-09-1917	16-06-1919
JOÃO MENDES	Fratel	1.º Cabo	RI 22	França	20-01-1917	28-10-1918
JOAQUIM MARQUES	Ladeira	1.º Cabo	RI 22	França	20-01-1917	09-03-1919
JOSÉ MOREIRA TROCA	Fratel	1.º Cabo	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
JÚLIO AIRES	Peroledo	Soldado	CAP do CEP	França	21-08-1917	01-05-1919
JOAQUIM BICHO	Sarnadas	2.º Sargento	RI 28	Moçambique	24-09-1916	26-11-1919
MANUEL ANTÓNIO	Sarnadas	Soldado Servente	RA 8	França	21-03-1917	20-03-1919
ALBINO DE MATOS SERRA	Pesqueiras	Soldado	CAP do CEP	França	21-08-1917	16-02-1919
AMADEU FIGUEIREDO SARAIVA	Porto do Tejo	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	18-02-1919
ANTÓNIO PIRES GREGÓRIO	Tavila	Soldado	RI 28	Moçambique	24-09-1917	15-06-1919
CHRISTIANO RIBEIRO	Vilas Ruivas	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
FERNANDO ROSA LEONARDO	Serrasqueira	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
JOÃO	Tavila	Soldado	RI 28	Moçambique	24-09-1917	13-07-1919
JOÃO PIRES ROMBO (1)	Vale do Cobrão	1.º Cabo	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
JOAQUIM DE MATOS (2)	Alvaiade	2.º Sargento	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
JOAQUIM TOMÉ RIBEIRO	Foz do Cobrão	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	09-03-1919
MÁRIO RIBEIRO BROUSSE (3)	Porto do Tejo	2.º Sargento	RI 18	Moçambique	13-07-1918	28-09-1919
JOÃO DOMINGOS	Perais	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	23-11-1917
ADELINO RODRIGUES	Vale da Figueira	1.º Cabo	RI 22	França	26-05-1917	09-04-1919
ADELINO MENDES CATARINO	Fratel	Soldado	3.º Grupo Comp. de Saúde	França	23-03-1917	01-07-1919
ANTÓNIO ALVES MENDES (4)	Chão das Servas	Soldado Servente	R.Art. 8	Angola	03-02-1915	06-12-1915
ANTÓNIO BAPTISTA FERREIRA	VV Ródão	1.º Cabo	Batalhão Pontoneiros	França	26-05-1917	10-07-1919
ANTÓNIO FERREIRA PINTO	Fratel	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-12-1918
ANTÓNIO RIBEIRO PIRES (5)	Rodeios	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	26-05-1919
FRANCISCO MENDES PIRES	Vilar do Boi	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
JOAQUIM MENDES RIBEIRO	Alvaiade	Soldado Servente	R.Art. 8	Angola	03-02-1915	06-12-1915
JOSÉ AUGUSTO GONÇALVES	Amarelos	Soldado	RI 21	França	21-01-1917	25-08-1918
JOSÉ ESTEVES GONÇALVES (6)	Tostão	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	15-04-1917	18-01-1919
JOSÉ PINTO D´ARAUJO ROMBO	Fratel	2.º Sargento	R. Art. 8	Angola	03-02-1915	07-08-1915
JOSÉ RODRIGUES GRILO	Gavião	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-10-1918
JOÃO CARRILHO DA ROSA	Fratel	Soldado	B T C	Moçambique	08-06-1916	23-03-1917
JOSÉ MENDES CARDOSO	Fratel	Soldado	RI 21	França	21-01-1917	09-06-1919
JOÃO MOTA PÃO TRIGO	Cebolais de Baixo	Soldado Condutor	7.º Grupo de Metralhadoras	França	14-04-1917	28-12-1918
MANUEL FORTUNATO ROCHA (7)	VV Ródão	2.º Sargento	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	26-09-1917	09-07-1919
MANOEL PIRES CAREPO	Peroledo	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	14-04-1917	12-08-1919
EUSÉBIO NUNES	Carapetosa	Soldado	RI 21	França	20-01-1917	10-04-1918
JOÃO RAMOS	Alfrivida	Soldado	RI 5	Moçambique	19-11-1917	27-12-1918
ALEXANDRE FERNANDES (8)	Fratel	2.º Marinheiro	Armada	Angola	05-11-1914	30-09-1915
JOÃO DA SILVA APARICIO (9)	Fratel	2.º Sargento	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	22-02-1918	08-09-1918
CARLOS DOS ANJOS MARQUES MARTINS	Gardete	2.º Sargento	R. Art. 8	França	20-09-1917	20-03-1918
JOAQUIM MENDES	Juncal	Soldado	Depósito Militar Colonial	Moçambique	18-10-1917	15-01-1919

JOÃO MENDES	Fratel	Soldado	Depósito Militar Colonial	Moçambique	18-10-1917	15-01-1919
MANOEL PIRES	VV Ródão	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	26-09-1917	18-10-1919
TOMAZ MACHADO D´OLIVEIRA	VV Ródão	1.º Cabo	Bataria Morteiros de	França	26-01-1917	19-12-1919
ANTÓNIO DIAS	Amarelos	Soldado	RI 21	França	20-01-1917	16-12-1918
MANUEL ANTÓNIO FAUSTINO	Alfrivida	Soldado	CTP	Moçambique	02-07-1917	15-02-1919
JOAQUIM DIAS MOTA	Alfrivida	1.º Cabo	CTP	Moçambique	07-10-1915	13-02-1917
FILIPE PIRES ESTEVES	Fratel	Soldado	RI 28	Moçambique	24-09-1917	16-06-1919
AGOSTINHO ESTEVES	Vale da Bezerra	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	Moçambique	02-07-1916	05-10-1918
ALBINO MENDES REI	Marmelal	1.º Cabo	7.º Grupo de Metralhadoras	França	21-03-1917	04-10-1918
ANTÓNIO PIRES FERREIRA	Fratel	1.º Cabo	RI 16	França	17-11-1917	19-07-1918
ANTÓNIO PIRES (10)	Sarnadas	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
EUSÉBIO VICENTE	Porto do Tejo	Soldado	RI 28	Moçambique	24-09-1917	16-06-1919
FILIPE SEQUEIRA	Fratel	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	22-02-1917	08-02-1918
FRANCISCO GONÇALVES	Peroledo	Soldado	RI 21	Moçambique	07-10-1915	05-11-1916
JOÃO DIAS CARDOSO (11)	Carapetosa	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
JOSÉ DOMINGOS	Cereijal	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	22-02-1917	09-06-1919
JOSÉ MARTINHO	Fratel	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-03-1917
JOSÉ PIRES RIBEIRO	Gavião	Soldado	RI 5	França	02-07-1917	09-06-1919
JOÃO DIAS MIGUEL	Tavila	Soldado	7.º Grupo de Metralhadoras	França	21-03-1917	05-03-1919
JOÃO GUERRA (12)	Fratel	Soldado	RC 3	Moçambique	07-10-1915	13-12-1916
JOÃO LEONARDO	VV Ródão	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	20-01-1917	12-08-1919
JOÃO LUIZ	Vermum	1.º Cabo	RA 8	Moçambique	28-05-1916	15-12-1916
MANOEL CAREPO PIRES	Vilar do Boi	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	29-05-1919
MANOEL RODRIGUES	Cereijal	1.º Cabo	RI 22	França	20-01-1917	10-07-1919
MANUEL PIRES	Sarnadinha	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	09-03-1917
SEBASTIÃO RIBEIRO CARDOSO	Sarnadinha	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	20-01-1917	13-09-1918
TOMAZ GONÇALVES BARRETO	Perdigão	2.º Sargento	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	26-05-1917	25-06-1919
MATIAS PIRES DUQUE	Vale do Homem	1.º Cabo	RI 22	França	20-01-1917	13-09-1918
ADELINO JOSÉ DIAS	Gardete	Soldado	RC 10	Moçambique e Revoltosos do Norte e Monsanto	11-09-1914	06-12-1915
AGOSTINHO PIRES BARRETO	Serrasqueira	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	15-04-1919
ANTÓNIO MENDES DO ROSÁRIO	Juncal	Soldado	RC 10	Moçambique	11-09-1914	06-12-1915
ANTÓNIO NUNES REDONDO	Sarnadas	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	15-04-1919
ALFREDO PIRES ALVES (13)	Perdigão	1.º Cabo	RI 22	França	20-01-1917	15-09-1918
ANTÓNIO PIRES CORREIA	Fratel	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	09-04-1919
FERNANDO MARTINS DOS SANTOS	Porto do Tejo	Soldado	Reg. Sapadores Mineiros	França	26-05-1917	22-11-1918
JERÓNIMO GONÇALVES FERREIRA	Vilas Ruivas	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	21-05-1918
JOÃO DIAS CARAMONA	Cebolais de Baixo	2.º Sargento	RI 22	França	20-01-1917	02-09-1919
JOÃO MENDES CORGA	Marmelal	Soldado	RC 10	Moçambique e Revoltosos do Norte	11-09-1914	06-12-1915
JOÃO MENDES FERNANDES	Tavila	2.º Cabo	RI 15	Moçambique	11-09-1914	13-11-1915
JOAQUIM ALMEIDA RIBEIRO	Sarnadinha	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França	22-03-1917	09-06-1919
JOAQUIM BICHO CASTELO (14)	Carapetosa	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
JOAQUIM JORGE VALENTE	Vale de Pousadas	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-10-1918
JOAQUIM RODRIGUES MELRO	Coxerro	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
MANUEL MENDES DA SILVA	Juncal	Soldado	RC 10	Moçambique	11-09-1914	06-12-1915
MANUEL AUGUSTO FERNANDES (15)	Sarnadas	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	13-09-1918
MANUEL RIBEIRO FERNANDES	VV Ródão	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-02-1919
RAFAEL GONÇALVES FERRO (16)	Alfrivida	Soldado	RI 22	França	20-01-1917	28-05-1919
JOÃO ALVES RAMALHETE (17)	Perdigão	Soldado	RI 9	Angola	11-09-1914	04-11-1915
JOÃO CARDOSO	Amarelos	Soldado	Batalhão Sapadores Caminhos de Ferro	França	26-05-1917	01-03-1919
JOÃO FORTUNATO	Vilar do Boi	Soldado	RC 1	Angola	05-03-1915	29-07-1919
SEBASTIÃO BISPO	Amarelos	Soldado	Batalhão Sapadores Caminhos de Ferro	França	26-03-1917	01-05-1919
JOSÉ VALENTE CASTELO	Perais	1.º Cabo	GNR e Policia Cívica Lourenço Marques		26-02-1914	15-01-1919

JOÃO MANUEL	Gardete	Soldado	RI 15	Moçambique	11-09-1914	06-12-1915
JAIME AGOSTINHO	Amarelos	2.º Cabo	GNR Lourenço Marques	Moçambique	03-08-1916	25-04-1918
JOAQUIM GALVÃO	Sarnadas	1.º Cabo	Companhia de Telegrafistas de Praça	França	14-07-1917	05-02-1919
TOMAZ BAPTISTA	Fratel	Soldado	RI 15	Moçambique	11-09-1914	13-11-1915
ANTÓNIO PIRES	Vilas Ruivas	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França		
JERÓNIMO CANDEIAS CIPRIANO	Sarnadas	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França		
ANTÓNIO MARIA ANTUNES	Sarnadas	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França		
FRANCISCO CAETANO ROSA	Sarnadas	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França		
JOÃO RIBEIRO	Foz do Cobrão	Soldado	1.º Grupo Comp. de Saúde	França		
JOSÉ BARATEIRO RODRIGUES	Foz do Cobrão	Soldado	RI 22	França		
FRANCISCO MENDES FERNANDES	Fratel	Soldado	RI 22	França		
ANIBAL MARQUES DURÃO	Vv Ródão	Soldado	RI 22	França		
JOÃO DIAS CARMONA	Cebolais de Baixo	2.º Sargento	RI 22	França	20-01-1917	27-10-1918
AURÉLIO PIRES BOLETE	VV Ródão	Soldado	RI 22	França		
JOSÉ MENDES MARQUES	VV Ródão	Soldado	RI 22	França		
GUILHERMINO CORREIA	VV Ródão	1.º Cabo	RA 8	França		
JOSÉ	VV Ródão	Soldado	RI 22	França		
CRISTIANO RIBEIRO	Vilas Ruivas	Soldado	RI 22	França	20/01/1917	28/5/1919
JOÃO GOMES	VV Ródão	Soldado	RI 22	França		
JOÃO DOS SANTOS BELO	Alfrivida	Soldado	RI 22	França		
ANTÓNIO LEONARDO ROMBO	Fratel	Soldado	7.º Grupo Metralhadoras	França		
ADELINO RODRIGUES PORTO	Fratel	Soldado	7.º Grupo Metralhadoras	França		
MANOEL CALCINHA FIDALGO	Sarnadas	Soldado	7.º Grupo Metralhadoras	França		
GUILHERMINO SANTOS COSTA	VV Ródão	Solddao	7.º Grupo Metralhadoras	França		
JOAQUIM PAULO	Fratel	Soldado	RI 22	França		
JOÃO DIAS CARLOS	Sarnadas	Soldado	RI 22	França		
ANTÓNIO CALCINHA	Cebolais de Baixo	Soldado	RI 22	França		
ALFREDO RIBEIRO CARDOSO	VV Ródão	Soldado	RI 22	França		
MANUEL GONÇALVES RIBEIRO	Fratel	Solddao	RI 22	França		
MARCOS TOMÉ	Monte Fidalgo	Solddao	7.º Art. de Montanha	África		
JOSÉ GOMES BIDARRA	VV Ródão	Soldado	1.º Grupo Comp. Adm. Militar	França		
JOAQUIM DIAS RIBEIRO	VV Ródão	Cabo	Comp. Telegrafistas Praça	França		
ANTÓNIO RODRIGUES CASTELO	Alfrivida	Soldado	RI 22	França		
MANUEL CARDOSO	Foz do Cobrão	Soldado	RI 22	França		
JOÃO MENDES	Fratel	1.º Cabo	RI 22	França	20-1-1917	28-11-1918
MANUEL SILVÉRIO	Fratel	Soldado	RI 22	França		
ADELINO BAPTISTA RODRIGUES (18)	Tostão	Soldado	RI 22	França		

Notas

(1) 1919 - Fevereiro: LOUVADO Porque num consecutivo serviço de dois anos de Campanha pôs em evidência constantemente um notável zelo e uma pronta obediência no cumprimento de todas as ordens e serviços que lhe foram determinados e manifestou ainda admiráveis provas de coragem e sangue frio em variadas operações de trincheiras. A influência benéfica desta praça se deve sem dúvida e em grande parte à conduta irrepreensível e disciplinada deste Bat. (RI 22) na última fase de operações (O.S. n.º 32 do Bat). Atribuída Cruz de Guerra.

(2) LOUVADO pelo sacrifício empregado e boa vontade que demonstrou no cumprimento de uma ordem para que se dispunha de pouco tempo para a sua execução, demonstrando com este tão digno procedimento uma grande dedicação pelo serviço e uma nítida compreensão dos seus deveres. OS n.º 95 de 14/7/1921. Autorizado a usar o forragim da Cruz de Guerra de 1.ª Classe com que foi condecorado com o estandarte do RI 22 nos termos do art. 43.º do D. 6205 de 8/11 de 1919. OR n.º 186 de 5/7/1921.

(3) Foi-lhe atribuído Medalha Militar de Prata 1.ª Classe Comportamento. Esteve na Escola de Aviação.

(4) Tomou parte da acção de Mongua em 17/08 nos combates de 18 e 19 na Chana da Mongua e no dia 20 nas Cacimbas da Mongua (Angola). Medalha Comemorativa das Operações realizadas no Sul de Angola nos anos de 1914-15 (OE n.º 3 (1.ª Série) de 22-2-1917).

(5) LOUVOR: "Louvado porque num consecutivo serviço de dois anos de campanha pôs em evidência um notável zelo e uma pronta obediência no cumprimento de todas as ordens e serviços que lhe foram determinados e

manifestando ainda admiráveis provas de coragem e sangue frio em várias operações de trincheiras. A influência benéfica desta praça se deve sem dúvida e em grande parte à conduta irrepreensível e disciplinada que este batalhão manteve sempre ainda na última fase das operações".O.S. n.º 32 de 01 de Fevereiro de 1919.
(6) Em 1918 fez parte das operações em França pertencendo à C.T.F. n.º 2 do C.E.P., sendo feito prisioneiro de Guerra no Campo Friedrichsfeld na Alemanha de 22 a 29 de Outubro. Condecorado com a Medalha de bronze comemorativa das campanhas do Exército com a legenda "França 1917-1918"; Medalha da Victória.
(7) LOUVADO pela O.S. n.º 103 do HB1 de 12 de Abril de 1919 pelos bons serviços prestados na Secretaria desde a instalação do mesmo hospital. Exame de 2.º Grau de Enfermagem. Condecorado com a Medalha de bronze comemorativa das campanhas do Exército com a legenda "França 1917-1918"; Medalha da Victória.
(8) Tomou parte nos Combates da Mongua nos dias 17,18,19 e das Cacimbas da Mongua no dia 20 de Agosto de 1915 (Angola); Tem direito a fazer uso da Estrela de Prata em harmonia com o DL 6766 de 10/07/1920; Medalha Militar de Cobre Comemorativa das Campanhas do Exército Português "Sul de Angola 1914,1915"; Medalha da Victória DL 6186 de 31/10/1919; e Medalha Comemorativa das Campanhas do Exército Português "Cuanhama 1915" Decreto do Ministro das Colónias de 29/06/1920.
(9) LOUVADO. Pelos bons serviços prestados durante o seu funcionamento e em que revelou amor ao trabalho desejo de aumentar os seus conhecimentos, boa vontade, zelo, dedicação pelo Serviço. Medalha Comemorativa das Campanhas do Exército Português em França 1917-18. Medalha da Victória nos termos D 6186 de 30/10/1919; Pediu ao Chefe Maior do Exército para que lhe fosse passada certidão da folha de matrícula, a fim de vir a exercer a profissão de Enfermeiro (Civil).
(10) LOUVOR: "Louvado porque num consecutivo serviço de dois anos de campanha pôs em evidência um notável zelo e uma pronta obediência no cumprimento de todas as ordens e serviços que lhe foram determinados e manifestando ainda admiráveis provas de coragem e sangue frio em várias operações de trincheiras. A influência benéfica desta praça se deve sem dúvida e em grande parte à conduta irrepreensível e disciplinada que este batalhão manteve sempre ainda na última fase das operações".O.S. n.º 32 de 01 de Fevereiro de 1919.
(11) Ferido no Combate de 12-13 de Junho de 1918. Medalha de Cobre comemorativa das Campanhas do Exército com a legenda "França 1917-18"; Medalha de Cobre da Classe de Comportamento Exemplar. Incorporado na GNR.
(12) Tomou parte nas operações ao V. de Rovuma de 19 de Setembro a 2 de Outubro de 1916 (Moçambique).
(13) Ferido nos Combates de 15 a 27 de Abril de 1918, com estilhaços de granada. Em 23/11/1931 veio a ser julgado incapaz de todo o serviço por Junta Hospitalar, com um grau de invalidez definitiva de 10%. Medalha Comemorativa da Campanha do Exército com a legenda "França 1917-1918"; Medalha de Bronze Inter-aliada; Medalha da Vitória Comemorativa da Grande Guerra pela civilização (D. n.º 6186, OE n.º 28 de 11-11-1919)
(14) 1919 - Fevereiro: LOUVADO Porque num consecutivo serviço de dois anos de Campanha pôs em evidência constantemente um notável zelo e uma pronta obediência no cumprimento de todas as ordens e serviços que lhe foram determinados e manifestou ainda admiráveis provas de coragem e sangue frio em variadas operações de trincheiras. A influência benéfica desta praça se deve sem dúvida e em grande parte à conduta irrepreensível e disciplinada deste Bat. (RI 22) na última fase de operações (O.S. n.º 32 do Bat). 1919 – Abril: LOUVADO porque mostrou sempre qualidades de valor, coragem e sangue frio especialmente afirmadas na defesa de um posto que guarneciam no dia 10 de Março de 1918 que foi fortemente atacado pelo inimigo, tendo sido o ataque completamente repelido, devido à acção enérgica e corajosa destas praças (O.S. n.º 91 do Bat. de 1 do corrente). 1919 – Maio: Condecorado com a CRUZ DE GUERRA de 3.ª Classe em 25 (O.S. n.º 139 do Corpo Expedicionário Português - CEP).
(15) 1917 – Junho - Ferido em Combate em 13, dia em que baixou ao C.C.S. n.º 51. Evacuado para o H. n.º 26 em 14. Julho – Evacuado para o C.C: em 10. Alta para o D.A.B. em 26. Agosto – Seguiu para a unidade em 1. Presente na unidade em 2. Baixa à Ambulância n.º 3 em 4. Evacuado para o H.S. n.º 1 em 6. Alta em 13. 1918 – Maio – Baixa à Ambulância Inglesa n.º 111 em 14. Evacuado para o H. n.º 39 no mesmo dia. Evacuado para o H. B. 1 em 21. Alta para o D. I., a fim de ser repatriado nos termos da Circular urgentíssima n.º 475/11 da R.S.S. 1 do Q.G.C. de 25 em 28. Setembro – Embarcou para Portugal a bordo do navio Inglês "Czaritza" em 9. Condecorado com a medalha de cobre comemorativa das campanhas do exército com a legenda "França 1917-1918"; Condecorado com a medalha de Bronze inter-aliada; Medalha da Vitória Comemorativa da Grande Guerra pela civilização (D. n.º 6186, OE n.º 28 de 11-11-1919).
(16) 1919 - Fevereiro: LOUVADO Porque num consecutivo serviço de dois anos de Campanha pôs em evidência constantemente um notável zelo e uma pronta obediência no cumprimento de todas as ordens e serviços que lhe foram determinados e manifestou ainda admiráveis provas de coragem e sangue frio em variadas operações de trincheiras. A influência benéfica desta praça se deve sem dúvida e em grande parte à conduta irrepreensível e disciplinada deste Bat. (RI 22) na última fase de operações (O.S. n.º 32 do Bat).
(17) Tomou parte na acção do dia 18 Dezembro (1914) contra os Alemães fazendo parte das forças que passou (?) o Vale do Cabéle (Angola)
(18) CONDECORADO - Cruz de Guerra de 3.ª Classe (RI 22).

Figura 5. Medalha da Victória

Figura 6. Joaquim Bicho Castelo

Figura 7. Cruz de Guerra Francesa

Identificam-se, seguidamente, os combatentes rodenses mortos na I Guerra Mundial.

Nome: João Caetano. **Data de Nascimento**: 30/03/1882. **Naturalidade:** Sarnadas de Ródão. **Estado Civil:** Casado. **Biografia Militar:** Unidade do C.E.P.: Depósito Misto de Artilharia; Unidade Territorial: Grupo de Bat.ª de Art.ª a Cavalo; Posto: Alferes do Quadro Aux. dos Serviços de Art.ª; Data do Embarque: 12 de Julho de 1917; **Falecido** a: 09 de Outubro de 1918; N.º do Processo: 44; N.º do Livro de Registo de Óbitos: 2.º / 509; **Sepultado** em: Oeiras.

Nome: António Ribeiro Gonçalves. **Data de Nascimento:** 11/06/1894. **Naturalidade:** Foz do Cobrão. **Estado Civil:** Solteiro. **Biografia Militar:** Unidade do C.E.P.: 1.º Batalhão de Infantaria; Unidade Territorial: Infantaria 22 - Companhia: 1.ª; N.º de Ordem na Companhia: 470; Posto: Soldado; Incorporado em 14 de Janeiro de 1915; Data do Embarque: 21 de Janeiro de 1917; **Falecido** a: 12/13 de Junho de 1917; Motivo: **Combate;** N.º do Processo: 107; N.º do Livro de Registo de Óbitos: 1.º / 313; **Sepultado** no Cemitério de Richebourg L´Avoué; Placa n.º 7.504; N.º de Ordem- 902; Talhão B; Fila 5; Coval n.º 20.

Nome: José Mendes Ribeiro. **Data de Nascimento:** 01/01/1892. **Naturalidade:** Vale do Cobrão. **Estado Civil:** Solteiro. **Biografia Militar:** Unidade do C.E.P.: 1.º Batalhão Infantaria; Unidade Territorial: Infantaria 22, Companhia: 6.ª ; N.º de Ordem na Companhia: 472; Posto: Soldado; Data do Embarque: 20 de Janeiro de 1917; **Falecido** a: 23 de Julho de 1917; Motivo: **Combate;** N.º do Processo: 180; N.º do Livro de Registo de Óbitos: 1.º / 126; **Sepultado** no Cemitério de Richebourg L´Avoué; Placa n.º8.328; N.º de Ordem1506; Talhão D; Fila 11; Coval n.º 18.

Nome: José Pires. **Data de Nascimento:** 17/05/1894. **Naturalidade:** Perdigão. **Estado Civil:** Solteiro. **Biografia Militar:** Unidade do C.E.P.: 1.º Bat.Infantaria; Unidade Territorial: Infantaria 22 - Companhia: 1.ª; N.º de Ordem na Companhia: 719; Posto: 1.º Cabo; Data do Embarque: 20 de Janeiro de 1917; **Falecido** a: 13 de Junho de 1917; Motivo: **Combate;** N.º do Processo: 213;

N.º do Livro de Registo de Óbitos: 1.º / 161; Sepultado no Cemitério de Richebourg L´Avoué – França; Placa n.º7.623; N.º de Ordem 1440; Talhão B; Fila 5; Coval n.º 22.

Figura 8. António Ribeiro Gonçalves, natural da Foz do Cobrão

Figura 9. Entrada do Cemitério de Richebourg L´Avoué em França

Figura 10. Placa Evocativa

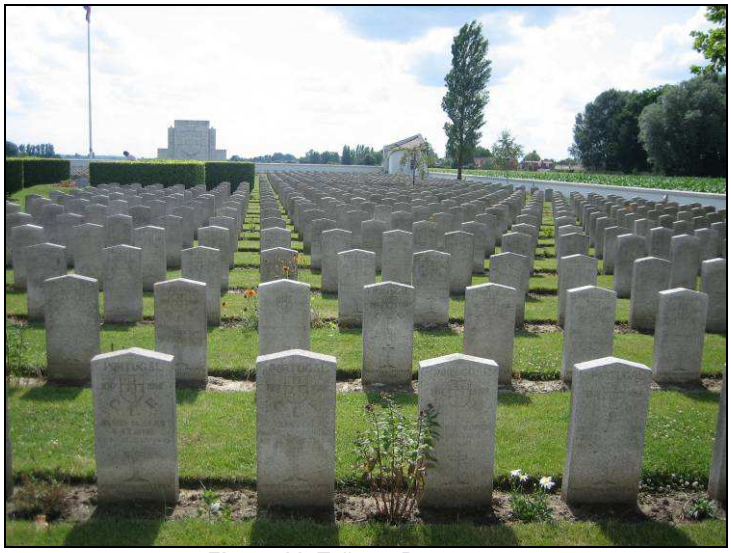
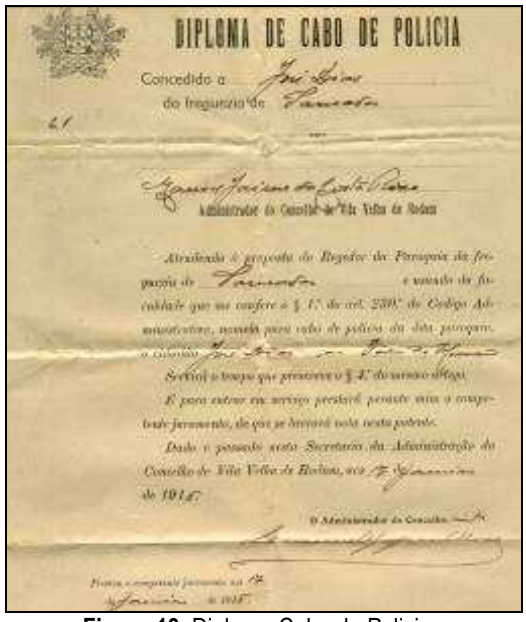


Figura 11. Talhões Portugueses

Nome: José António Pires. **Data de Nascimento:** 03/12/1894. **Naturalidade:** Cerejal. **Estado Civil:** Solteiro. **Biografia Militar:** Unidade do C.E.P.: 1.º Bat. Infantaria; Unidade Territorial: Infantaria 22 - Companhia: 6.ª; Incorporado em 13 de Janeiro de 1916; N.º de Ordem na Companhia: 567; Posto: Soldado; Data do Embarque: 20 de Janeiro de 1917; **Falecido** a: 18 de Outubro de 1917; Motivo: **Combate;** N.º do Processo: 410; N.º do Livro de Registo de Óbitos: 1.º / 423; **Sepultado** no Cemitério de Richebourg L´Avoué – França; Placa n.º8.398; N.º de Ordem 1441; Talhão C; Fila19; Coval n.º 12.

Nome: José Dias Ribeiro. **Data de Nascimento:** 15/01/1892. **Naturalidade:** Vale do Homem – Sarnadas. **Estado Civil:** Casado. **Biografia Militar:** Unidade do C.E.P.: 1.º Bat. Infantaria; Unidade Territorial: Infantaria 22- Companhia: 1.ª; N.º de Ordem na Companhia: 188; Posto: Soldado; Data do Embarque: 20 de Janeiro de 1917; **Falecido** a: 08 de Março de 1918; Motivo: **Combate;** N.º do Processo: 749; N.º do Livro de Registo de Óbitos: 1.º / 790; **Sepultado** no Cemitério de Richebourg L´Avoué – França; Placa n.º22.857; N.º de Ordem 1505; Talhão D; Fila 14; Coval n.º 10.

Figura 12. José Dias Ribeiro



DIPLOMA DE CABO DE POLICIA

Concedido a

do freguezia de

Figura 13. Diploma Cabo de Policia respeitante a José Dias Ribeiro

Nota: Este tipo de trabalho não é nem pode ser unicamente fruto de uma pesquisa bibliotecária, também assenta na interacção com os diferentes actores da nossa sociedade local e, nesse sentido, tive a felicidade de contactar telefonicamente por diversas vezes e corresponder-me com o ilustre Professor Joaquim Dias Belo, natural de Sarnadas, embora residente em Lisboa, pessoa extremamente interessada pelo estudo, valorização e divulgação das suas raízes, e disso são exemplo os diferentes artigos publicados no Jornal *O Concelho de Vila Velha de Ródão*. Desde sempre foi uma voz viva para que se imortalizassem os feitos e nomes dos naturais do concelho de Ródão que estiveram envolvidos na primeira guerra mundial e o facto é que passados inúmeros anos se fez justiça, em parte, devido à sua persistência. Diz-nos num artigo da sua autoria, publicado no Jornal *O Concelho de Vila Velha de Ródão*, na edição de Março de 2000, que "(…)*em 1918, na Grande Guerra, este valoroso soldado nosso conterrâneo de nome José Dias (Ribeiro), natural de Vale do Homem, embora casado e com uma filha de*

tenra idade, por obrigações militares seguiu para França onde depois de muitos sacrifícios nas trincheiras acabou por perder a vida em combate. A senhora que deixou viúva informou-me há uns cinquenta anos e com o rosto banhado de lágrimas que apenas soube do seu falecimento por noticias dum seu companheiro de armas que era conhecido e amigo da família e assistiu a esse trágico acontecimento. Por ele dobraram os sinos na igreja de Sarnadas, como sinal de luto e tristeza de toda a população".

Nome: Manuel Carepo. **Data de Nascimento:** 01/12/1895. **Naturalidade:** Vale da Bezerra. **Estado Civil:** Solteiro. **Biografia Militar:** Unidade do C.E.P.: 1.º Bat. Infantaria; Unidade Territorial: Infantaria 22 - Companhia: 6.ª; N.º de Ordem na Companhia: 569; Posto: Soldado; Data do Embarque: 20 de Janeiro de 1917; **Falecido** a: 11 de Maio de 1917 ou 1918; Motivo: **Combate;** N.º do Processo: 1081; N.º do Livro de Registo de Óbitos: 2.º / 369; Sepultado no Cemitério de Richebourg L´Avoué – França; Placa n.º 8.390; N.º de Ordem 252; Talhão B; Fila10; Coval n.º 14.

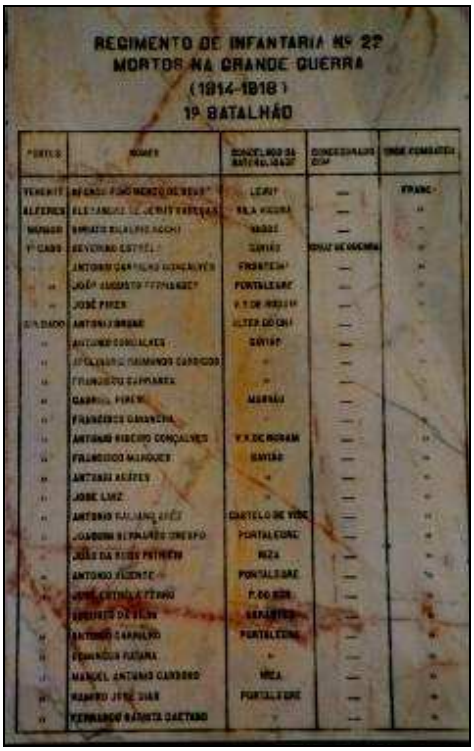


Figura 14. Placa de homenagem aos mortos do RI 22 – Portalegre (actual CIP da GNR), fixa na torre sineira

Nome: Manuel Rodrigues Martinho. **Data de Nascimento:** 22/05/1895. **Naturalidade:** Fratel. **Estado Civil:** Solteiro. **Biografia Militar:** Unidade do C.E.P.: C.A.P.; Unidade Territorial: Batalhão de Artilharia de Guarnição - Companhia: 5.ª; N.º de Ordem na Companhia: 3; Posto: 2.º Sargento Miliciano; Data do Embarque: 21 de Agosto de 1917; **Falecido** a: 31 de Maio de 1918; Motivo: **Combate;** N.º do Processo: 1125; N.º do Livro de Registo de Óbitos: 2.º / 196; **Sepultado** no Cemitério de Richebourg L´Avoué – França; Placa n.º 38.675; N.º de Ordem 1138; Talhão C; Fila 6; Coval n.º 15.

Coronel Rebocho Natural de Vila Velha de Ródão, terá participado na 1.ª Guerra Mundial (França), Engenheiro, mais tarde, responsável pelo planeamento e construção de pontes em África (Angola), e Director da Fábrica de Armas e Munições de Braço de Prata em Lisboa. Elementos recolhidos junto de familiares, porquanto o seu processo militar, infelizmente, encontra-se despojado de qualquer informação relativo ao seu percurso militar.

Figura 15. Coronel Rebocho

António José Pereira Flores. Médico e professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina de Lisboa, nasceu nesta cidade aos 3-I-1883. Formou-se na Escola Médica de Lisboa em 1906, com vários prémios e distinções. Até 1911 especializou-se em Paris e Berlim. Em 1912 foi nomeado 1.º Assistente de Neurologia, passando depois a professor extraordinário, regendo a cadeira. Em 1914-18, incorporado no exército, onde alcançou o posto de capitão, foi neurologista do Corpo Expedicionário Português em França, dirigindo o Hospital da Base n.º 1 de Abril a Julho de 1918, obtendo a Medalha de Bons Serviços em Campanha.

Foi secretário da Associação dos Médicos Portugueses (1912) e presidente (Bastonário) da Ordem dos Médicos em 1940-41 e 1942-43. Em 1934 foi nomeado vogal da Comissão das Obras do Hospital Júlio de Matos, de cuja comissão administrativa foi nomeado presidente em 1941. Neste mesmo ano foi nomeado director do Manicómio Bombarda e professor de Psiquiatria na Faculdade. Pertenceu à Societé de Neurologie de Paris e foi sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. É excepcionalmente brilhante e importante a sua colaboração científica nas revistas *Journal fur Psychologie und Neurologie* de Berlim, *Revue Neurologique* de Paris e *Lisboa-Médica*, e nas *Reúnions Neurologiques* internacionais de Paris em anos consecutivos.

Os seus pais são originários do Concelho de Vila Velha de Ródão (Vilas Ruivas).